



Filipa Alexandra Pinto Alves

Nº 21116

A Perceção da Aceitação- Rejeição Interpessoal, a Solidão e o Cyberbullying

Dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar e da Educação

Trabalho realizado sob a coorientação da Professora Doutora Márcia Machado e do Professor Doutor Francisco Machado, Instituto Universitário da Maia

Dedicatória

Aos meus pais e irmã, pelo apoio constante e por acreditarem sempre em mim.

Amo-vos

Agradecimentos

A elaboração da presente dissertação de mestrado só foi possível devido à participação direta e indireta de diversos intervenientes, deixo cá presente os agradecimentos a todos os que, de certa forma, contribuíram para sua execução e a todas as pessoas que tornaram possível esta etapa muito positiva do meu percurso académico.

Aos meus pais pelo apoio, carinho e incentivo para apostar nesta formação e à minha irmã pela paciência, carinho e alegria que sempre manifestou.

À minha orientadora Professora Doutora Márcia Machado e ao meu orientador Professor Doutor Francisco pela ajuda, força, disponibilidade, incentivo e apoio.

Ao diretor da escola por me autorizarem a aplicação dos questionários aos seus alunos e às suas alunas, bem como aos/às encarregados/as de educação que autorizaram os/as seus/suas filhos/as a colaborar nesta investigação, pois sem esta autorização não seria possível realiza-la.

Aos meus amigos pelo apoio ao longo de todo o processo e por nunca me terem esquecido devido há minha ausência.

A todos eles o meu sincero **OBRIGADA**.

Resumo

O principal objetivo da presente dissertação de mestrado é analisar a relação entre a aceitação-rejeição interpessoal percebida pela criança/adolescente, a solidão e o cyberbullying. Para cumprir os objetivos propostos foi realizado um estudo quantitativo, utilizando três questionários, o PARQ (Parental acceptance-rejection questionnaire) (Rohner, 2004); o Loneliness and social dissatisfaction questionnaire (Asher, Hymel and Renshaw's, 1984) e o Questionário de Bullying e Cyberbullying (Boulton, Lloyd & Marx, 2012, adaptado por Machado e Machado, 2015). A amostra desta investigação é composta por 201 alunos/as do 7.º ao 9.º ano de escolaridade e com idades compreendidas entre os 11 e 18 anos, sendo que, 55.7% dos alunos são do sexo feminino e 44.3% do sexo masculino. Os resultados obtidos neste estudo indicam que a percepção de rejeição interpessoal se encontra correlacionada positivamente e estatisticamente significativamente com a solidão e o cyberbullying mostrando assim a importância do carinho na relação interpessoal dos jovens e adolescentes.

Palavras-chaves: Percepção de aceitação-rejeição Interpessoal, solidão, cyberbullying

Abstract

The main objective of this master thesis is to analyze the relationship between parental acceptance-rejection, through the perspective of the child/adolescent, and loneliness and to cyberbullying. To accomplish the goals we conducted a quantitative study using three questionnaires, the PARQ (Parental acceptance -rejection questionnaire) (Rohner, 2004); the "Loneliness and social dissatisfaction questionnaire" (Asher, Hymel and Renshaw's, 1984)" and "Questionnaire Bullying and Cyberbullying (Boulton, Lloyd & Marx, 2012)". The sample of this research consists of 201 students / as the 7th to 9th grade and aged between 11 and 18 years, of which, 55.7 % of students are female and 44.3 % male. The results of this study indicate that the perception of interpersonal rejection is statistically significantly and positively correlated with loneliness and cyberbullying thus showing the importance of caring in the interpersonal relationship of young people and adolescents.

Keywords: Perception of Interpersonal acceptance -rejection, loneliness, cyberbullying

Índice

Introdução.....	9
Capítulo I – Revisão da Literatura.....	11
1. A Aceitação-Rejeição Interpessoal.....	11
1.1 A importância da figura parental.....	11
1.2 A Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal.....	13
2. A solidão.....	17
2.1 A solidão na relação com a figura parental.....	17
2.2 O sentimento Solidão.....	18
3. Cyberbullying.....	20
3.1 O fenómeno Cyberbullying.....	20
3.2 Estudos realizados sobre o cyberbullying em Portugal.....	24
3.3 Estudos internacionais realizados sobre o cyberbullying.....	26
Capítulo II- Método.....	27
1. Objetivos.....	28
2. Problemas e Hipóteses de Investigação.....	28
3. Caracterização da amostra.....	31
4. Procedimentos.....	33
5. Instrumentos.....	34
a. Questionário sociodemográfico.....	34
b. Parental Acceptance-Rejection Questionnaire (PARQ) (Rohner, 2004).....	34
c. “Loneliness and social dissatisfaction questionnaire” (Asher, Hymel and Renshaw’s, 1984).....	35
d. Questionário de Bullying e Cyberbullying (Boulton, Lloyd & Marx, 2012).....	36
Capítulo III – Apresentação e Discussão de Resultados.....	37
1. Apresentação de resultados.....	37
2. Discussão de resultados.....	43
Conclusão.....	46
Referências Bibliográficas.....	48
Anexos	

Índice Figuras

Figura 1: Esquema das dimensões da Teoria Aceitação-Rejeição Interpessoal (Rohner, Khaleque, & Cournoyer, 2012).....	14
---	----

Índice de Tabelas

Tabela 1. Descrição da relação dos alunos/as com o pai e com a mãe	31
Tabela 2. Frequência que os/as alunos/as utilizam a internet.....	32
Tabela 3. Tipos de aplicações em que os/as alunos/as utilizam.....	32
Tabela 4. Ameaças/gozo pela internet.....	33
Tabela 5. Análise descritiva das variáveis em estudo.....	38
Tabela 6. Correlação entre a percepção de aceitação-rejeição parental e solidão.....	39
Tabela 7. Correlação entre a percepção de aceitação-rejeição parental e o cyberbullying	40
Tabela 8. Correlação entre o tempo despendido por semana na internet e o cyberbullying.....	41
Tabela 9. Diferenças entre o sexo do/a aluno/a e a percepção de aceitação-rejeição parental, solidão e o cyberbullying	42

Introdução

Designa-se por díade uma relação interpessoal na qual estão envolvidos dois indivíduos. Segundo Bronfenbrenner (1979) o desenvolvimento do ser humano é influenciado pela percepção que este tem do meio que o rodeia, ou seja, é afetado pelas interações interpessoais nas quais o indivíduo participa e também pelos vários contextos/sistemas que este se insere ao longo da sua vida.

O microssistema é o sistema/contexto que se aproxima mais do sujeito, é onde se encontram as interações mais diretas cuja pessoa estabelece com o meio, como a família, o grupo de pares e a escola. Para que relações interpessoais ou díade, como por exemplo as relações entre mãe-filho, pai-mãe sejam mais significativas e estáveis é necessário que no contexto familiar exista a reciprocidade, o equilíbrio de poder e as relações afetivas como fatores primordiais (Bronfenbrenner, 1979).

A percepção de aceitação-rejeição pelos pais condiciona o desenvolvimento do ser humano, isto porque, por um lado pode envolver percepções de amor, carinho, cuidado, educação e suporte manifestadas de forma verbal ou não verbal pelos nossos cuidadores. Por outro lado, a rejeição dirige-se para a inexistência destes mesmos comportamentos e sentimentos, pode comprometer o ajustamento psicológico, cognitivo e comportamental do indivíduo (Rohner, 1986).

É neste pressuposto que se enquadra a teoria a Teoria da Aceitação- Rejeição interpessoal (Rohner, 1986), a qual tenta prever e explicar as principais causas e consequências da percepção de aceitação e rejeição interpessoal pelo mundo inteiro tendo como base em evidências de socialização e de desenvolvimento (Rohner, 1986).

Deste modo, torna-se relevante estudar a relação entre a percepção de aceitação-rejeição parental percebida pela criança/adolescente, a solidão e o cyberbullying.

A nível da organização estrutural, esta dissertação está organizada em quatro capítulos. O Capítulo I diz respeito à Revisão da Literatura que aborda a Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal (IPARTheory) nomeadamente Aceitação-Rejeição pelos Pais, a Solidão e o fenómeno Cyberbullying.

No Capítulo II diz respeito às práticas metodológicas e dados empíricos, nomeadamente, os objetivos, definição dos problemas, hipóteses de investigação e a parte metodológica, onde está mencionado a caracterização da amostra, os procedimentos

realizados à concretização da investigação e os instrumentos utilizados para a realização da investigação.

No Capítulo III encontra-se a apresentação e discussão dos resultados confrontando os resultados com a literatura atual.

Por fim, o Capítulo IV é destinado à conclusão desta investigação, onde é realizada uma análise crítica sobre os pontos fortes e as limitações desta investigação, realçando qual foi o contributo desta investigação para o conhecimento científico.

Capítulo I – Revisão da Literatura

1. A Aceitação-Rejeição Interpessoal

1.1 A importância da figura parental

Segundo Bronfenbrenner (1979), o desenvolvimento do ser humano não depende só das suas características biopsicológicas, mas também depende das características dos contextos onde está inserido e das relações que vai desenvolvendo ao longo da sua vida. Assim sendo, o contexto familiar é o primeiro contexto de socialização onde a criança assume um papel ativo.

A figura parental é responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias bem como a proteção e o bem-estar da criança fazendo com que esta se desenvolva no campo social, cognitivo e afetivo. Ela tem uma forte influência no comportamento da criança, na forma como as crianças veem o mundo e na construção das suas relações interpessoais, ou seja, os pais exercem um papel fulcral na construção da criança e da sua personalidade (Dessen & Polonia, 2007).

Para Rohner (2004), a família adota um papel importante na vida das crianças, uma vez que proporciona sentimentos de segurança decorrente do tipo de relação específica entre a criança e a figura parental, a qual é causa de estados emocionais característicos.

Para que o desenvolvimento do indivíduo ocorra positivamente deverá haver um afeto positivo e genuíno. Os sentimentos e emoções percebidos como negativos, tal como rejeição, raiva, frustração poderão ser nefastos e comprometer o desenvolvimento da criança (Bronfenbrenner, 1986).

Os laços afetivos existentes numa família levam a um desenvolvimento saudável da criança e desencadeiam padrões de interação positivos possibilitando o ajustamento da criança aos diferentes contextos em que está inserida e participa (Dessen & Polonia, 2007).

Desta forma, o apoio parental fará com que a criança desenvolva reportórios saudáveis para enfrentar as situações adversas do cotidiano. Por outro lado, figuras parentais punitivas e coercivas podem fazer com que a criança desenvolva comportamentos de insegurança bem como dificuldades em estabelecer e/ou manter relações interpessoais (Dessen & Polonia, 2007).

Contudo, a aceitação percebida pela criança, manifestada de forma verbal ou não verbal pelos cuidadores envolve percepções de amor, cuidado, educação. Por outro lado, a rejeição percebida pela criança dirige-se para a inexistência destes mesmos sentimentos e comportamentos, bem como, a inexistência de uma série de outros comportamentos prejudiciais a nível físico e psicológico (Rohner, 1986).

Como foi possível constatar anteriormente o desenvolvimento do indivíduo também é influenciado pela percepção que este tem do meio que o rodeia, ou seja, a percepção que a pessoa faz nos diferentes contextos leva a que ela age de acordo com aquilo que percebe.

Com base nesse pressuposto Bronfenbrenner criou a Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano, na qual refere que todos os contextos, nomeadamente o contexto familiar, social, cultural, económico, articulam-se entre si, e as diferentes interações que a pessoa vai tendo entre estes contextos vão moldando-a (Bronfenbrenner 1986).

Na Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano podemos verificar que Bronfenbrenner enfatizou as variáveis contextuais em detrimento das características biopsicológicas da pessoa o que veio posteriormente reformular passando esta a ser designada por Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Contudo, ainda assim, as interações da pessoa em desenvolvimento não são só influenciadas pelo contexto/meio, mas também pelas próprias características da pessoa. Nesta nova reestruturação da teoria houve uma recombinação entre os principais componentes do modelo ecológico e novos elementos, em relações mais dinâmicas e interativas (Bronfenbrenner & Cecci, 1994; Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Nesta nova perspetiva, o desenvolvimento do ser humano é visto em quatro aspetos multidirecionais interrelacionados: o processo, em que nesta nova reestruturação do modelo, é o principal constructo responsável pelo desenvolvimento, uma vez que este é constituído pelos papéis e atividades diárias do sujeito em desenvolvimento e das interações recíprocas que ocorrem no meio, tanto com pessoas como também com símbolos e objetos (Bronfenbrenner & Morris, 1998); a pessoa; o contexto; e o tempo (Bronfenbrenner & Cecci, 1994).

Desta forma, o desenvolvimento humano é produto das interações recíprocas entre a pessoa e os contextos mas não esquecendo nunca as suas características biopsicológicas

em desenvolvimento, isto porque, não podemos observar a pessoa isoladamente, mas sim inserida em contextos e ambientes que interagem entre si, e nos quais se encontram as pessoas com o indivíduo interage. Importa então salientar, mais uma vez, que a pessoa percebe o seu ambiente e que esta percepção condiciona a sua ação, ou seja a pessoa é moldada pelo seu ambiente, mas este também é moldado por ela (Portugal, 1992).

1.2 A Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal

É neste pressuposto que se enquadra a teoria da aceitação-rejeição interpessoal (Interpersonal Acceptance-Rejection Theory - IPARTheory). Esta teoria baseia-se numa perspetiva ecológica e fenomenológica, em evidências de socialização e de desenvolvimento do indivíduo na qual o desenvolvimento e o comportamento do ser humano são mais afetados pela percepção do que pelos acontecimentos vividos (Rohner, 1986). Esta teoria tem como objetivo primordial prever e explicar as principais causas, consequências e outras implicações derivadas da percepção de aceitação e rejeição interpessoal, nomeadamente parental, no mundo inteiro, em culturas diferentes (Rohner, 1986; Rohner, 2004).

Segundo Rohner (1986) a forma como a pessoa percebe a aceitação-rejeição influencia o desenvolvimento do ser humano, que poderá desencadear problemas comportamentais, emocionais e sociais, bem como influenciar os seus pensamentos e atitudes. As consequências positivas ou negativas advindas da percepção de aceitação ou de rejeição sobre a figura parental, surgem normalmente da interiorização dos sentimentos de aceitação ou de rejeição que vamos assimilando ao longo de toda a nossa vida, desde a infância à idade adulta.

Quando se fala nos conceitos de aceitação e rejeição parental, temos que analisá-los dentro da dimensão do afeto da parentalidade (“*The warmth dimension of parenting*”) (Rohner, 1986; Rohner, 2004). Esta dimensão consiste num *continuum* bipolarizado, em que cada indivíduo pode estar inserido, uma vez que todos nós percebemos mais ou menos amor pelos nossos cuidadores. Assim sendo, esta dimensão relaciona-se com a qualidade do vínculo afetivo entre a criança e os cuidadores, bem como os comportamentos tanto físicos, verbais como simbólicos que os cuidadores utilizam para expressar os seus sentimentos. Sendo esta dimensão um *continuum*, por um lado, representado pela aceitação parental, caracterizada por carinho, amor, afeição, preocupação, conforto, educação e suporte, que as crianças podem experienciar pelos seus cuidadores. Por outro

lado, está representado pela rejeição parental, a qual se refere à ausência destes comportamentos e sentimentos, marcada por comportamentos psicologicamente e fisicamente dolorosos (Rohner, 1986; Rohner, 2004).

Dentro da dimensão do afeto da parentalidade (“*The warmth dimension of parenting*”) podemos observar diferentes tipos de comportamentos de aceitação e rejeição parental definidos por Rohner:

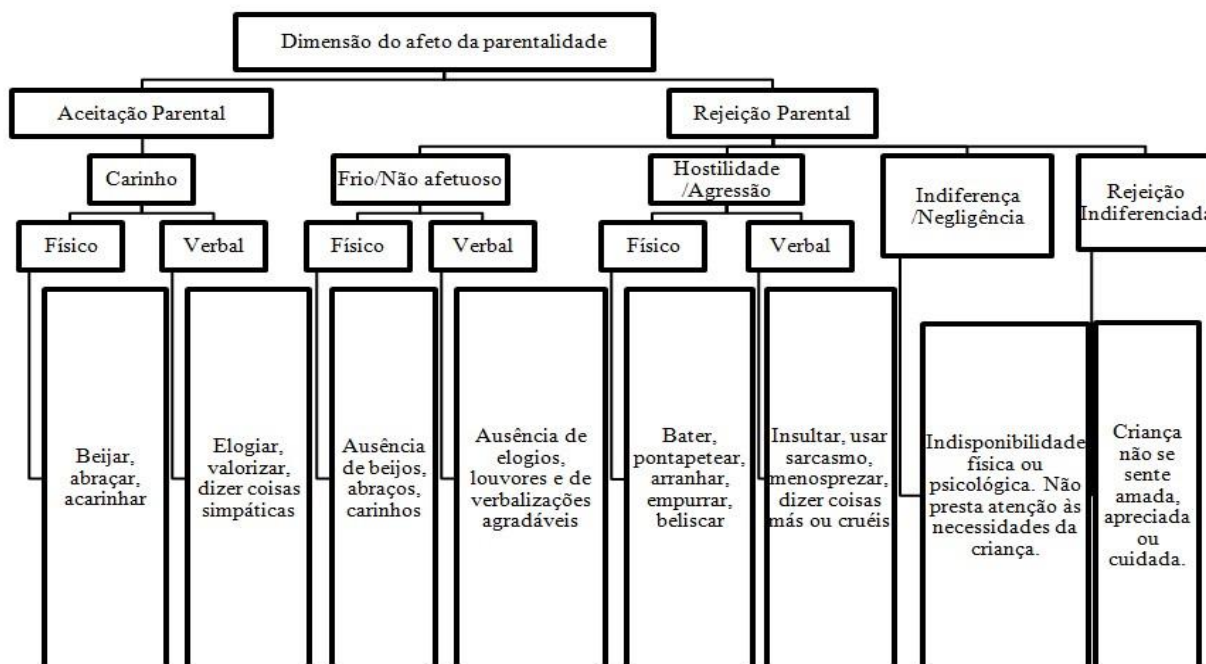


Figura 1.

Esquema das dimensões da Teoria Aceitação-Rejeição Parental (Rohner, Khaleque & Cournoyer, 2012).

Como podemos observar na figura 1 (da esquerda para a direita), a aceitação caracteriza-se pelo carinho, o qual se pode expressar fisicamente (beijar, abraçar, acarinhar) ou verbalmente (elogiar, valorizar, dizer coisas simpáticas). Por outro lado, a rejeição caracteriza-se por falta de afeto e frieza, expressando-se também fisicamente (ausência de beijos, abraços, carinhos) ou verbalmente (ausência de elogios, louvores e de verbalizações agradáveis); por hostilidade/agressividade exprimindo-se fisicamente (bater, pontapear, arranhar, empurrar, beliscar) ou verbalmente (insultar, usar sarcasmo, menosprezar, dizer coisa más e cruéis); por indiferença/negligência demonstrando indisponibilidade física ou psicológica, não prestando atenção às suas necessidades; e por

último, por rejeição indiferenciada em que a criança não se sente amada, apreciada ou cuidada. Assim sendo, a teoria da aceitação- rejeição parental demonstra que o afeto manifestado pelos cuidadores é essencial ao estado emocional e social da criança (Rohner, Khaleque & Cournoyer, 2012).

A percepção de rejeição percebida pela criança poderá ter consequências negativas, por exemplo, quando os cuidadores são agressivos ou hostis para os seus filhos, estes poderão, muito provavelmente, tornarem-se também agressivos e hostis e desenvolver comportamentos disruptivos (Rohner, 1986).

A teoria da aceitação-rejeição interpessoal engloba três subteorias, sendo elas a subteoria de coping, sub-teoria dos sistemas socioculturais e a subteoria da personalidade (Rohner, Khaleque, & Cournoyer, 2012). A partir da subteoria de coping, a IPARTheory tenta compreender como é que algumas crianças ao experienciar rejeição parental não desenvolvem desajustamento psicológico, ou seja, perceber como é que algumas crianças conseguem lidar emocionalmente de forma mais eficaz do que outras relativamente à percepção de rejeição. A subteoria dos sistemas socioculturais tenta entender e explicar porque é que alguns pais são aceitantes (transmitem carinho, amor), outros pais são rejeitantes (agressivos, não afetuosos) e outros são negligentes-rejeitantes. Segundo a IPARTheory, fatores psicológicos, familiares, culturais e sociais estão associados ao comportamento aceitante ou rejeitante. E ainda tenta compreender de que forma a sociedade, comunidade, bem como as crenças individuais influenciam o facto de os pais serem aceitantes ou rejeitantes.

Por fim, a subteoria da personalidade pretende compreender se todas as crianças reagem da mesma maneira quando percebem aceitação ou rejeição pela figura parental ou outras figuras significantes, bem como perceber se os efeitos da rejeição na infância se estendem até à vida adulta (Rohner, 1986; Rohner, 2004).

O ser humano desenvolveu uma necessidade emocional básica e duradoura de uma resposta positiva por parte das pessoas que lhe são significativas, traduzido pelo desejo emocional de suporte, conforto, cuidado, nutrição, preocupação entre outros. Assim, a segurança emocional, proteção e o bem-estar da criança estará sujeita à percepção do relacionamento da criança e da figura parental (Rohner, 2004).

A IPARTheory prevê que as crianças que percebem e/ou sofrem de rejeição parental sejam mais propensas a desenvolver representações mentais erradas e distorcidas de si, das figuras significativas e do mundo à sua volta (Rohner, 2004).

Segundo esta subteoria, quando a criança percebe a rejeição poderá levar ao desenvolvimento de desajustamento psicológico o qual se poderá manifestar de acordo com sete disposições da personalidade (Rohner, 1986; Rohner et al., 2012). Estas disposições são: baixa autoestima (desaprovação e desvalorização pessoal); auto-adequação negativa (sentimentos de incapacidade em realizar tarefas tanto pessoais e de âmbito social); dependência (necessidade excessiva de suporte e de confirmação de amor pelos/as outros/as); hostilidade/agressividade (comportamentos de exteriorização, tal como a raiva, sobre outras pessoas, objetos ou situações); instabilidade emocional (humor desequilibrado e não adaptativo face dificuldades do quotidiano); visão negativa do mundo (o mundo está cheio de situações ameaçadoras e perigosas, demonstrando medo e receio); e não-responsividade emocional (dificuldade na demonstração e falta de assertividade de sentimentos) (Rohner, 1986; Rohner et al., 2012).

A percepção de rejeição traz várias consequências negativas para a vida da pessoa, mas nem todas as crianças que percebem rejeição apresentam desajustamento psicológico como se verifica de seguida.

É a partir da subteoria de coping que a IPARTheory tenta explicar este facto. Segundo esta subteoria, para entender este facto devemos ver o indivíduo em contexto, e não isoladamente (Rohner, 1986; Rohner et al., 2012). Devemos ter em consideração três elementos fundamentais nesta perspetiva: self, que diz respeito a características internas, isto é, biológicas, representações mentais do indivíduo e a características externas; o outro refere-se às características pessoais e interpessoais dos cuidadores, tendo em conta a frequência, a duração e a gravidade da rejeição; e por fim, o contexto que diz respeito às inter-relações com outras pessoas significativas para o sujeito, tendo em conta os valores e características sociais do ambiente onde está inserido.

Estes três elementos são primordiais uma vez que o comportamento do indivíduo surge da interação deste com o outro e o contexto (familiar, social, cultural e económico), ou seja, devemos adotar uma perspetiva ecológica onde existe uma relação entre todos os intervenientes estabelecendo-se ainda diferentes interações entre estes contextos (Bronfenbrenner, 1986).

Assim, a atividade mental, onde se incluem as representações mentais, tem grande impacto na forma como a pessoa enfrenta a situação de rejeição, pois algumas capacidades cognitivas sociais específicas permitem que o sujeito lide com este tipo de

situação, tais como a autodeterminação, que exerce controlo sobre o que acontece e a despersonalização, não levando a situação pessoalmente (Rohner, 1986).

Porém, a presença de uma figura significativa apoiante e calorosa é um importante reforço para lidar com a rejeição parental (Rohner et al., 2012).

A IPARTheory mostra-nos que o amor e o carinho são primordiais na vida da criança, uma vez, como foi possível constataremos, que a falta de carinho e amor (rejeição) pode trazer diversas consequências para o desenvolvimento do ser humano, contudo pode ainda assim haver crianças que conseguem lidar com esta falta de afeto.

2. A solidão

2.1 A solidão na relação com a figura parental

Como já foi mencionado anteriormente, a figura parental é fundamental para a criança pois proporciona um sentimento de segurança e coesão decorrente do tipo de relação que exista entre a ela e o seu cuidador, a qual é geradora de diferentes estados emocionais (Rohner, 2004).

De acordo com a investigação de Fleming (2005) permitiu compreender que os indivíduos que se sentem mais ligados aos seus cuidadores de uma forma segura evoluem mais ao nível do processo da autonomia na fase da adolescência ao invés dos sujeitos com vínculos mais inseguros. Assim sendo, ao nível social é esperado que a criança e/ou adolescente se torne mais autónomo e autossuficiente.

As práticas parentais caracterizam-se pelos comportamentos com conteúdos específicos que têm como objetivo a socialização da criança, sendo estratégias que visam o incentivo de comportamentos adequados ou a punição de comportamentos inadequados (Almaça, 2009).

As práticas parentais negativas podem aumentar o risco de problemas de adaptação do sujeito. Diversos estudos demonstraram que a rejeição parental e a falta de cuidados da figura parental relacionam-se com a interiorização e exteriorização de problemas (Caron, Weiss, Harris & Catron, 2006; Chen, Liu & Li, 2000), bem como o baixo rendimento escolar e as fracas competências ao nível social (Chen, Liu & Li, 2000). Contrariamente, o envolvimento parental e o controlo comportamental estão associados a uma maior autonomia, competência social, desempenho académico, autoestima, e, menos depressão, delinquência, comportamento disfuncional e uso de drogas (Allen, & Hauser, 1996).

Estes problemas relacionais com os seus cuidadores, nomeadamente a falta de cuidados, de comunicação, de vínculo afetivo e de apoio parental, durante a adolescência pode ser olhado como um fator preditivo da solidão (Roekel, Scholte, Verhagen, Goossens, & Engels, 2010). Ou seja, os jovens com uma relação de vinculação segura com os seus cuidadores têm menor dificuldade em criar e manter relações interpessoais e, sucessivamente, menor solidão (Kerns & Stevens, 1995 as cited in Bastos & Costa, 2005). Desta forma, os estilos de vinculação exercem uma influência direta no sentimento solidão, isto porque, uma vinculação insegura leva a que os jovens tenham relações interpessoais insatisfatórias e ao isolamento social que, por sua vez, este leva à solidão (Bastos & Costa, 2005).

A solidão surge a partir de três fatores significativos e todos eles distintos, tais como: as relações entre o grupo de pares; as estruturas familiares e outras variáveis demográficas (Uruk & Demir, 2003).

Importa ainda salientar, que inúmeros estudos depararam com uma relação positiva entre uma vinculação insegura por parte dos cuidadores e a solidão na fase da adolescência (Bastos & Costa, 2005).

2.2. O sentimento Solidão

A solidão tem vindo a ser definida de díspares formas e por diversos autores. Segundo Carrascal e Cara-Castillo (2009, p. 290) a solidão é “ (...) um sentimento subjetivo, emotivo, variável, negativo, involuntário que o adolescente experiencia e que lhe provoca insatisfação social, emocional, de afeto e apoio e está associada a necessidades reais de relações interpessoais (...) e pode anteceder ou desencadear resultados negativos a nível físico e mental”.

De acordo com Parkhurst & Hopmeyer (1999), descreve o sentimento de solidão como “uma sensação dolorosa de tristeza ou isolamento; ou seja, uma sensação de estar sozinho, separado, distanciado dos outros (...), associada a um desejo de associação, contato e proximidade”, permitindo reconhecer fontes da experiência de solidão (Parkhurst & Hopmeyer, 1999, pp. 56 as cited in Bastos, Figueira & Costa, 2001, 2002).

Existe ainda outros autores que definem a solidão como sendo uma experiência desagradável, dolorosa, associada a uma visão negativa dos outros e do mundo, bem como a sentimentos depressivos (Fromm-Reichmann, 1959 as cited in Bastos, Figueira & Costa, 2001, 2002; Perlman & Peplau, 1981 as cited in Bastos, Figueira & Costa, 2001, 2002; Cassidy & Berlin, 1999 as cited in Bastos, Figueira & Costa, 2001, 2002).

A solidão tem sido analisada pela literatura sob duas componentes, a cognitiva e a afetiva. A componente cognitiva refere a existência de uma disparidade entre os relacionamentos interpessoais que os sujeitos desejam e os seus relacionamentos reais, quer a nível qualitativo como a nível quantitativo. Porém a componente afetiva, incorpora as emoções mais negativas que o sujeito experiencia, tais como, desorientação, perda e solidão (Bastos, Figueira & Costa, 2001, 2002).

O sentimento solidão pode ser físico (ausência real de amigos e/ou relações de intimidade) ou pode ser psicológica (surgem sentimentos dolorosos e angustiantes) (Bastos & Costa, 2005). Porém, para Weiss (2008, cited in Carrascal & Caro- Castillo, 2009) a solidão pode ser emocional e aparecer na ausência de vínculos afetivos ou pode ser social onde existe uma ausência de rede social de apoio. Esta solidão social pode levar à solidão emocional.

Posto isto, existem inúmeros fatores que contribuem ou podem contribuir para a experiência da solidão. Assim sendo, os fatores predispostos à solidão passam por características pessoais como a timidez, falta de assertividade, introversão, locus de controlo externo; por características situacionais como a interação competitiva ou isolamento social e ainda, por características demográficas (Perlam & Peplau, 1984).

Segundo Heinrich & Gullone (2006) a solidão tem efeitos negativos, entre os quais problemas de saúde física (doenças cardiovasculares, transtornos alimentares e problemas de sono) e problemas de saúde mental (depressão, abuso de álcool ou drogas e suicídio) (Bastos, Figueira & Costa, 2001, 2002; Heinrich & Gullone, 2006).

Deste modo para explicar o surgimento da solidão, Weiss (1973) criou a Teoria das Necessidades Sociais, na qual refere este sentimento como sendo uma resposta a uma lacuna nas relações interpessoais que o indivíduo. Ou seja, o sentimento solidão surge quando o indivíduo sente que os seus relacionamentos não satisfazem as suas necessidades sociais (Weiss, 1973 as cited in Bastos, Figueira & Costa, 2001, 2002).

Nos últimos anos tem havido um aumento de investigações acerca do impacto que a experiência da solidão tem no desenvolvimento de crianças e adolescentes. Como exemplos dessas investigações, cita-se a aplicação da teoria da vinculação para perceber o que poderá desencadear sentimentos de solidão em crianças e, paralelamente, a investigação da relação entre o desenvolvimento da identidade e a percepção que os adolescentes têm da solidão (Bastos, Figueira & Costa, 2001, 2002).

Os adolescentes estão mais propensos de experienciar o sentimento solidão (Bérubé & Joshi, 1998 as cited in Bastos, Figueira & Costa, 2001, 2002). E, por isso, o interesse por estudar o fenómeno da solidão em crianças e adolescentes surge da tentativa de compreender as consequências da solidão e do isolamento social ao nível do ajustamento psicológico, da qualidade de vida e da qualidade das relações interpessoais (Bastos, Figueira & Costa, 2001,2002).

As investigações de Marcoen, Goossens & Caes (1987) adotaram uma perspetiva multidimensional da solidão na adolescência. Esta perspetiva permite distinguir a existência de diferentes níveis de solidão que o indivíduo sente na sua relação com a figura parental e com os grupos de pares, bem como averiguar qual a atitude do indivíduo face ao estado de solitude (Marcoen, Goossens & Caes,1987 as cited in Bastos, Figueira & Costa, 2001, 2002).

Os adolescentes passam por diversas mudanças na qual constituem um fator de risco para que o aparecimento da solidão, uma vez que, é nesta fase que os adolescentes adquirem uma maior autonomia e procuram o estabelecimento de relacionamentos mais próximos e sólidos (Bastos, Figueira & Costa, 2001, 2002).

Segundo Rubenstein e Shaver (1982 as cited in Bastos, Figueira & Costa, 2001,2002), as principais causas do aparecimento da solidão nos mais jovens, advêm da ausência de uma vinculação afetiva e segura por parte da figura paterna, bem como outros fatores.

A solidão refere-se assim, a uma experiência subjetiva e não é sinónimo de isolamento social, pois o indivíduo pode sentir solidão no meio de uma multidão ou então, pode estar sozinho sem se sentir só (Qualter, Brown, Munn & Rotenberg, 2010).

Conclui-se assim, que o desenvolvimento do sentimento de solidão surge quando os adolescentes têm expectativas irrealistas quanto às relações sociais, como ele constrói a sua individualidade e identidade, a construção de relações extrafamiliares e de intimidade, bem como os contextos relacionais onde ocorrem.

3. Cyberbullying

3.1 O fenómeno Cyberbullying

A violência em contexto escolar tem vindo a ganhar uma maior proporção devido a diversas manifestações e cada vez mais graves (Seixas, 2006). Assim sendo, algumas crianças e adolescentes utilizam a agressão tendo como objetivo causar algum tipo de

sofrimento para com o outro e/ou grupo, podendo acarretar um impacto psicológico e por considerarem que esta é a única forma de resolução de conflito (Garaigordobil, 2011).

Com o avanço da tecnologia apareceu um novo conceito ligado ao bullying, designadamente, o cyberbullying.

As primeiras publicações sobre o cyberbullying iniciaram há mais ou menos meia década atrás, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa, o que faz com que este fenómeno seja considerado como um facto ainda recente (Wendt, Campos & Lisboa, 2010).

O cyberbullying é um fenómeno que emergiu com as novas tecnologias, principalmente com a difusão da internet. Com o aparecimento da internet e o alargamento da rede, as redes sociais tornaram-se parte do nosso modo de vida, pois é através desse meio que podemos comunicar, interagir, socializar com as pessoas de diferentes países (Pinheiro, Neves & Martins, 2012).

O cyberbullying é especialmente frequente entre crianças e adolescentes, isto porque, as crianças em idades precoces são usuários ávidos e familiarizados com as novas tecnologias e com a internet (Palfrey & Gasser, 2011). Ou seja, devido ao facto de crianças e jovens em idades precoces estarem hoje em dia mais expostos a determinados tipos de comunicação como por exemplo a televisão, internet, jogos, divulgações de vídeos no Youtube, redes sociais, entre outros, verifica-se um elevado número de situações de insultos, intimidação e insinuações.

Segundo os autores Williams e Guerra (2007, p. 15) “as interações sociais moveram-se cada vez mais do contato pessoal na sala de aula para o contato na sala de chat, e o cyberbullying emergiu como uma nova e crescente forma de crueldade social”.

Com a acessibilidade e a facilidade com que utilizamos as redes sociais, deixa assim de existir um emissor e um recetor estáticos passando a existir agentes sociais interativos. Porém, apesar da facilidade de aceder à internet e à utilização das redes sociais, enfrentam-se inúmeros obstáculos (Pinheiro, et al., 2012).

Uma vez que o cyberbullying apresenta características muito particulares e específicas existe uma dificuldade de inúmeros investigadores em definir este fenómeno.

Diversos autores definem o cyberbullying como ação intencional e repetida, levada a cabo por terceiros para humilhar, denegrir, molestar ou assediar um indivíduo continuamente ao longo do tempo contra uma vítima que não se pode defender. Dadas as características da sociedade atual e devido aos desenvolvimentos tecnológicos existem

diversas formas de cyberbullying: usando meios tecnológicos, nomeadamente, o uso do telemóvel (e.g., mensagens de texto, telefonemas) ou da internet. Estas ações podem ser manifestadas através de imagens, textos ou até mesmo vídeos (Campos, 2009; Novo, 2009). Os efeitos que produzem vão desde o insucesso escolar, isolamento social, perturbação do sono, na alimentação, bem como o suicídio (Novo, 2009).

Porém, existem três níveis de cyberbullying. O primeiro diz respeito apenas ao uso da internet para difamar, humilhar etc.; o segundo nível é uma continuação e um prolongamento do bullying, ampliando as suas consequências, e, por fim, o terceiro nível surge quando se recorre ao bullying e a outras formas de agressão para executar o cyberbullying, isto é, agredir a vítima filmando a agressão e, posteriormente publicar no Youtube ou em redes sociais (Neves & Pinheiro, 2009; Pinheiro, 2009).

Como já foi mencionado anteriormente, o cyberbullying apoia-se nas tecnologias de informação (TIC) e onde pode transcender as fronteiras do tempo, uma vez que a ofensa se pode manter infinitamente presente no espaço virtual.

De facto, “um e-mail pode ser sucessivamente encaminhado para milhares de internautas, e uma imagem, uma vez colocada, por exemplo no Youtube, além de copiada e multiplicada, pode aí permanecer indefinidamente, dando assim lugar a consequências repetidas através e de longo tempo” (Amado, Matos, Pessoa, & Jager, 2009, p. 304).

Alguns autores referem que no bullying existe um desequilíbrio de poder, sendo a vítima geralmente mais nova ou mais fraca que o agressor seja física ou psicologicamente, no cyberbullying isso nem sempre é assim, mas tem a ver com outras fontes de poder que advêm das vantagens do domínio das tecnologias, fazendo assim que não presencie diretamente os resultados das suas ações na vítima (Amado, et al., 2009; Price e & Dagleisg, 2010).

Segundo os autores (Neves et al., 2009; Pinheiro, 2009) referem a existência de dois tipos de cyberbullies: os “acidentais”, isto é, não têm consciência dos seus atos relativamente à vítima, e, o segundo tipo de cyberbullie são os “aditivos”, ou seja, praticam apenas por puro prazer, revelando assim a presença de um distúrbio psicológico de “adição à Internet”. Esta adição à internet está associada à baixa autoestima, à introversão, à timidez nas interações face a face e à depressão.

Segundo Oliveira (2008, as cit in Amado, et al., 2009) o anonimato nas interações sociais através da internet cria a possibilidade dos agressores não terem consciência das

suas consequências ao praticar este ato sobre as vítimas, fazendo jus á frase que traduz o cyberbullying como “um fenómeno sem rosto”.

De acordo com Wolak, Janis, Kimberly, & Finkelhoret (2007) apesar do anonimato neste tipo de comportamentos, refere que as vítimas e os agressores interagem mais com conhecidos do que com desconhecidos. Assim sendo, o anonimato, fragiliza e desorienta fortemente a vítima de tal modo que segundo, Shariff e Hoff (2007), ela se sente como um náufrago encurralado, desprovido de quaisquer condições para escapar.

Contudo, para os autores Hinduja e Patchin (2010b) o fenómeno cyberbullying pode prejudicar o percurso de desenvolvimento normativo dos jovens, como por exemplo o suicídio que está relacionado com a experiência de vitimização online. Contudo, o cyberbullying pode ser visto como uma agressão potencialmente mais destruidora e demolidora que o fenómeno bullying direto, isto porque, expõe a vítima a um “público infinito cuja capacidade de absorver, transmitir, partilhar e alterar informação é incalculável, o que pode originar satisfação ao cyberbullie” (Neves & Pinheiro, 2009, p.8).

O tempo que os jovens passam em frente ao computador constitui também um fator de risco (Campos, 2009). Pois quanto maior for a duração da agressão, e, maior o número dos indivíduos que a testemunham, mais se alonga a discrepância do poder entre o agressor e a vítima (Shariff & Gouin, 2006).

Assim sendo, a falta de comunicação entre pais, jovens e professores relativamente à violência através destes meios virtuais constitui um preocupante fator de risco. É fundamental a adoção de uma postura próxima, com apropriada comunicação e em que sejam estabelecidas regras sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação – TIC (Agatston, Kowalski & Limber, 2007).

É essencial que os educadores trabalhem na medida de prevenir todas as formas de bullying e nas mais diversas manifestações, sejam elas através de meios tecnológicos ou em contexto educativo, uma vez que essas manifestações afetam o clima da escola e consequentemente o bem-estar dos envolvidos (Hinduja & Patchin, 2010a). Torna-se assim fundamental o papel a desempenhar pelos pais das crianças e/ou adolescentes no que diz respeito à proteção que devem garantir aos seus filhos relativamente ao uso das novas tecnologias. Neste sentido, os pais devem alertar os seus filhos para os perigos da internet, controlar o uso e monitorizar os tempos de consumo das novas tecnologias, observar o comportamento dos filhos, dialogar e interagir com os filhos para assim limitar

as consequências negativas que advém do uso inapropriado da internet ou do telemóvel (Almeida, Delicado & Alves, 2008; Beane, 2011).

Este termo é cada vez mais conhecido e torna-se importante dar a conhecer e mostrar a importância que tem o impacto na sociedade devido ao peso que as novas tecnologias assumem na vida dos jovens e ao difícil controlo por parte das figuras parentais e da comunidade escolar (Amado, et al., 2009).

3.2 Estudos realizados sobre o cyberbullying em Portugal

Estudos recentes têm demonstrado que o uso intensivo da internet está relacionado com diversos problemas mentais e de conduta, levando a graves perturbações no seio familiar e na interação social da criança e/ou adolescente (Demetrovics, Szeredi & Rózsa, 2008).

A investigação Campos (2009) envolveu um total de 115 jovens oriundos de 12 distritos do país (sendo que a maior parte dos inquiridos pertencem ao concelho do Porto (45.2% e ao de Lisboa (28.7%) que frequentam entre o 5º e o 12º anos. Neste estudo, concluiu-se que aproximadamente 8.7% dos inquiridos envolvidos no papel de cybervítimas, 6.1% no de cyberbullies e ainda 21.7% como cyberbystanders, isto é, indivíduos que conhecem alguém que terá sido ou é vítima de cyberbullying. Concluiu-se também que 34.6% dos ofendidos online não conhecem a identidade do agressor e apenas 18.1% revelou que ser vítima de cyberbullying teve e/ou tem consequências na sua vida. No que se refere à partilha da agressão com terceiros, 65.9% dos jovens vitimados revelou não ter contado a ninguém, 34.0% contaram o sucedido (deste grupo, 43.75% contaram aos amigos/as; 37.5% contaram à família). Cerca de 81.7% dos participantes afirma utilizar a Internet e 79.1% o telemóvel. A maioria dos participantes do sexo feminino utiliza o telemóvel 5 horas ou mais por dia (37.9%) e entre 1 a 3 horas a Internet (37.9%). A maioria dos participantes do sexo masculino despende menos do que 1 hora com o telemóvel (29.7%) diariamente e 3 a 5 horas a Internet (40.5%). Deste modo, verificamos que são as raparigas que despendem mais tempo com o telemóvel e são os rapazes que despendem mais tempo com a Internet. No âmbito das ferramentas informáticas online o meio mais utilizado é o MSN/Salas de Chat (68.6%) e o Hi5/Myspace/Facebook (63.4%). Convém ainda salientar que a maioria dos inquiridos (44.3%) prefere a Internet ao telemóvel e 82.6% costuma aceder à Internet em casa.

O trabalho de Cruz (2011), onde foram envolvidos 205 alunos a frequentar as escolas dos distritos de Lisboa e Santarém do 4º ao 11º ano de escolaridade, e com idades

compreendidas entre os 9 e os 16 anos de idade, concluiu que 5.9% dos jovens admitiram ter agredido um par no cyberspaço, 27.3% confessaram terem sido alvo de agressão e 20.5% revelaram ter testemunhado tais comportamentos.

Dos 205 alunos questionados, todos eles utilizam diariamente a internet. As redes sociais e os chats são dois elementos cruciais para esta interação. Relativamente ao tempo despendido com o computador e a internet, verificou-se que a maioria assinalou gastar “alguns minutos por dia” (n=63) e “cerca de 1h por dia” (n=63). Cerca de 15 participantes disseram estar online mais do que 5h diárias, verificou-se ainda que os rapazes passam mais tempo online que as raparigas. Em relação ao uso do telemóvel, a maioria dos participantes assinalou ter tido o primeiro telemóvel aos 10 anos, apenas seis dos intervenientes (quatro de 9 anos e dois de 11 anos) dizem não ter telemóvel. O envio de mensagens é a atividade de eleição de ambos os sexos, seguindo-se a realização de chamadas. Das situações desagradáveis na internet, a mais assinalada pelos participantes foi “desconhecidos conversam comigo na internet”, seguindo-se o uso de informação pessoal dos participantes por desconhecidos. Neste estudo conclui-se que o cyberbullying afeta mais a faixa etária dos adolescentes (13 anos de idade). Contudo, das práticas mais comuns entre as cybervítimas são: as ofensas e ameaças através de mensagens (SMS). A maioria destas vítimas desconhecem a identidade do agressor. Este estudo revela que a internet é a prática mais favorita para o cyberbullying.

À semelhança da pesquisa realizada por Campos os agressores estão online cerca de 1h a 3h diárias.

A investigação realizada por Ventura (2011) realizou-se via internet (através da utilização de um inquérito online referentes a 934 sujeitos de onze distritos do território nacional) sendo que o grupo de alvo do estudo é o do meio escolar (“na escola”), o grupo de fora do meio escolar (“fora da escola”) como grupo de controlo. Dos 934 inquéritos foram respondidos 739 inquéritos em meio escolar e controlo (79.1%), e 195 fora do meio escolar (20.9%). Quanto à distribuição dos questionários por idades verifica-se um maior número de respostas por parte das crianças de 13-14 anos de idade.

Neste estudo pode verificar-se que 100% dos inquiridos são possuidores de telemóvel e que um quarto dos participantes é possuidor de mais que um telemóvel. Assim sendo, um terço dos inquiridos considera o telemóvel dispensável, sendo esta consideração superior no grupo dos rapazes, 40.3% (n=432) e somente 23% (n=503) das raparigas. No grupo da pré-adolescência (<15 anos), 35.4% (n=712) também consideram

o uso do telemóvel dispensável, baixando este número para 26.1% (n=222) no grupo dos adolescentes (≥ 15). Em suma, conclui-se que somente os pré-adolescentes e os rapazes são os dois grupos onde dispensam o uso do telemóvel. Relativamente á utilização do telemóvel, é claramente evidente a maior percentagem para a comunicação através de chamadas ou de mensagens (SMS), ficando este último um pouco acima das chamadas. Neste estudo constatou-se que a maioria dos intervenientes tem acesso à internet em casa e de seguida na escola. Do tempo que se passa online, consta-se que metade dos participantes utiliza a internet entre uma a três horas por dia, somente 15% dos inquiridos passa cinco horas ou mais por dia na internet.

Contudo, este estudo conclui ainda que a ordem de utilização da internet será a comunicação/socialização (e.g., chat, facebook etc.,) seguido do trabalho escolar, jogar, pesquisa pessoal e por último as compras.

Relativamente às vítimas por idades em meio escolar, verificou-se que os treze anos são a idade onde ocorrem mais agressões nos grupos “frequentemente e “cyberbullying”, e os catorze anos no grupo “algumas vezes”. As vítimas por género em meio escolar verifica-se que nos rapazes é superior ao sexo feminino.

A questão “alguma vez te ofenderam através da internet ou do telemóvel?”, cerca de 83.8% das vítimas de cyberbullying responderam que sim, e à questão “alguma vez te pediram que enviasses fotos tuas ou de partes do teu corpo?”, 69% dos inquiridos responderam positivamente.

Por fim, este estudo demonstrou que um quinto da população estudantil do terceiro ciclo do ensino básico (19.5%) foram vítimas de cyberbullying.

3.3 Estudos internacionais realizados sobre o cyberbullying

Um estudo realizado pela Kids Help Phone no Canadá (Lines, 2007) pela via internet, procuraram avaliar os papéis do cyberagressor, da cybervítima e dos cybertestemunhas. Dos 2 474 inquiridos, 70% confessou ter sido vítima de qualquer forma de cyberbullying – chamaram-me nomes de carater ofensivo/fizeram-me sentir mal (76%), espalharam rumores a meu respeito (52%) e ameaçaram-me/meteram-me medo (38%). No entanto, 77% dos indivíduos foram objeto de agressão através de mensagens, 37% foram por correio eletrónico e 31% nas redes sociais. Dos inquiridos 50% não contaram o sucedido porque não consideraram que essa atitude iria produzir efeitos positivos, 35% pensavam que pioraria mais a situação e, 25% não teve coragem para contar a terceiros.

Relativamente às agressões por meios tecnológicos, 80% dos inquiridos responderam já ter chamado nomes a outrem, 33% admitiu ter espalhado rumores com conteúdo malicioso e, 32% assumiu uma identidade que não a sua. Quanto aos motivos que levam os jovens a praticar este tipo de agressão (cyberbullying), 69% remeteu para a fragilidade e/ou escassez de supervisão, 66% refere-se ao anonimato como móbil e, 65% mencionou por ser mais fácil de concretizar atos de vingança.

Por fim, e relativamente ao cybertestemunhas, este estudo mostrou que 47% procuravam pôr fim à ofensa, 30% limitavam-se a observar, mas sem qualquer tipo de intervenção, 29% expressou a sua discordância ao sujeito agressor.

O estudo realizado por Smith et al., (2006) constatou que 46% dos inquiridos tinham sido vítimas de bullying pelo menos uma vez e 14% tinham sido vítimas pelo menos duas a três vezes. Em relação à vitimação por cyberbullying 6.6% dos inquiridos tinham sido de forma repetida e 22% pelo menos uma vez. Contudo, 46% dos jovens afirmaram conhecer casos de cyberbullying (que ocorrem com os seus colegas e na escola) com recurso a fotografias ou clips de vídeo reproduzidos a partir de telemóveis, já 37% dos jovens admitiu conhecer episódios de bullying concebidos por via de chamadas telefónicas.

Capítulo II- Método

Este capítulo dedica-se à apresentação e descrição do estudo empírico realizado, contemplando os objetivos, os problemas e as hipóteses de investigação, a descrição da amostra, os procedimentos e os instrumentos utilizados.

O desenvolvimento humano não é só condicionado pelas interligações entre os vários sistemas e as relações interpessoais existentes neles, é afetado também pela percepção de aceitação-rejeição, na qual a percepção de rejeição poderá trazer consequências negativas para a vida do sujeito como desajustamento psicológico, além de a percepção de rejeição parental é um importante preditor dos problemas de comportamento externalizadores (Rohner et al., 2012). Assim sendo, um fator que também contribui para o desenvolvimento emocional e social positivo da criança/adolescente é o amor parental, onde esta percepção da rejeição parental por parte das crianças é vista de igual modo apesar das diferentes culturas, etnia, género e idade (Pires, 2010). A percepção de rejeição poderá acarretar consequências negativas, por

exemplo a agressividade parental resultará em manifestações agressivas pelos filhos e comportamentos disruptivos (Rohner, 1986). Contudo, a solidão está associada à ausência de uma relação afetiva, íntima e vinculativa. Entre as várias definições existentes sobre a solidão todas elas referem a solidão como uma experiência desagradável e com recursões negativas para a criança, nomeadamente, sentimentos de ansiedade, aborrecimento, tensão, hostilidade em relação aos outros, vazio, auto-enclausuramento, bem como atingir consequências mais elevadas como a depressão e o suicídio (Bastos, Figueira & Costa, 2001/2002).

Uma outra problemática que todos nós certamente já ouvimos falar e que agora ocorre cada vez mais nas nossas escolas é o bullying, ou seja, atos de violência e/ou atitudes agressivas desde que estas sejam de forma intencional e repetitiva (Pinheiro, 2009). Com o avanço das tecnologias apareceu um novo conceito ligado ao bullying, o cyberbullying. Este termo é cada vez mais conhecido e torna-se importante dar a conhecer e mostrar a importância que tem no impacto na sociedade devido ao peso que as novas tecnologias assumem na vida dos jovens e ao difícil controlo por parte dos pais e da escola (Amado, et al., 2009).

Com a realização deste estudo pretende-se saber até que ponto a percepção de rejeição na criança/adolescente ao ser rejeitada(o) por parte dos pais está relacionada com a emergência da solidão e do cyberbullying.

1. Objetivos

O objetivo da presente dissertação de mestrado centra-se em compreender a relação existente entre a percepção de aceitação-rejeição interpessoal, a solidão e a prática do cyberbullying.

Relativamente aos objetivos específicos deste estudo um deles requer evidenciar a importância dos pais nesta perspetiva; compreender a relação que existe entre a rejeição e a solidão e saber se existem diferenças relativamente ao sexo do/a aluno/a e a relativamente à prática do cyberbullying.

2. Problemas e Hipóteses de Investigação

De forma a responder aos objetivos descritos anteriormente, foi elaborada as hipóteses de estudo a partir de diferentes questões:

Problema1: Será que a rejeição parental percebida pelo adolescente está relacionada com a solidão?

Hipótese 1: Existe uma correlação positiva entre a percepção de rejeição por parte dos pais e a solidão.

Segundo Rubenstein e Shaver (1982 as cited in Bastos, Figueira & Costa, 2001, 2002), as principais causas do aparecimento da solidão nos mais jovens, advêm da ausência de uma vinculação afetiva e segura por parte da figura paternal, bem como outros fatores.

Estes problemas relacionais com os seus progenitores, nomeadamente a falta de cuidados, de comunicação, de vínculo afetivo e de apoio parental, durante a adolescência pode ser olhado como uma fator preditivo da solidão (Roekel, Scholte, Verhagen, Goossens, & Engels, 2010). Inúmeros estudos depararam com uma relação positiva entre uma vinculação insegura por parte dos cuidadores e a solidão na fase da adolescência (Bastos & Costa, 2005).

Problema2: Será que a rejeição parental percebida pelo adolescente está relacionada com a prática do cyberbullying?

Hipótese 2: Existe uma correlação positiva entre a percepção de rejeição por parte dos pais e a prática do cyberbullying.

De acordo com os estudos de Stormshak, Bierman, McMahon e Lengua (2000), as práticas parentais influenciam sempre o comportamento da criança.

A percepção de rejeição pode acarretar consequências negativas para o desenvolvimento pessoal, social e cognitivo nomeadamente o desenvolvimento de comportamentos disruptivos (Rohner, 1986).

Problema3: Será que existe uma relação entre os adolescentes que frequentam mais tempo por semana na internet têm uma maior tendência à prática do cyberbullying?

Hipótese 3: Existe uma correlação positiva entre o tempo despendido na internet e a prática do cyberbullying.

O tempo que os jovens passam em frente ao computador constitui um fator de risco (Campos, 2009). Estudos (Demetrovics et al., 2008) revelaram que o uso intensivo da internet está relacionado com diversos problemas mentais e de conduta, levando a graves perturbações no seio familiar e na interação social da criança e/ou adolescente.

Pois quanto maior for a duração da agressão, e, maior o número dos indivíduos que a testemunham, mais se alonga a discrepância do poder entre o agressor e a vítima (Shariff & Gouin, 2006).

O comportamento aditivo relativamente ao ciberespaço está associado à baixa autoestima, à introversão e à timidez nas relações face-a-face (Demetrovics et al., 2008).

Problema4: Será que existem diferenças estatisticamente significativas entre o sexo feminino e o sexo masculino em relação às atitudes de bullying, bullies e vítimas?

Hipótese 4: Prevê-se que o sexo feminino expresse aceitar menos as atitudes relativas ao bullying e aos bullies, e maior aceitação quanto às atitudes das vítimas quando comparados com os rapazes.

Existem poucos estudos ou quase nenhuns sobre o tema cyberbullying no que concerne às atitudes deste tipo de comportamento (e.g., bullying, bullies e vítima). No entanto, um estudo de Boulton, Lloyd, Down e Marx 2012 fez a primeira comparação direta entre as atitudes em relação às duas formas de bullying entre estudantes universitários, nomeadamente o bullying tradicional e o cyberbullying. Neste estudo, verificou-se diferenças significativas entre o sexo feminino e o sexo masculino e que as atitudes prevê o comportamento bullying.

De acordo com os autores El-Shenawy e Shehata (2014) existe uma diferença entre os rapazes e as raparigas quanto ao envolvimento de problemas comportamentais, uma vez que os estudos revelam que o sexo masculino comparado com o sexo feminino, ele demonstra maior taxa de problemas comportamentais.

3. Caracterização da amostra

O presente estudo trata-se de um estudo exploratório na qual a metodologia de amostragem incide numa amostragem aleatória, cuja população-alvo corresponde aos alunos/as do 3º ciclo de escolaridade. É de salientar que intervenientes não apresentavam comprometimento crítico que os/as poderia impedir de responder autonomamente, uma vez que todos os alunos/as tiveram a autorização dos encarregados de educação para que pudessem responder aos questionários.

A amostra foi recolhida numa escola do distrito do Porto, sendo constituída por 201 alunos/as, sendo que 55.7 % dos inquiridos são do sexo feminino e em que a idade da amostra varia entre os 11 e 18 anos de idade ($M=13.36$; $DP= 1.11$). No que se refere ao ano de escolaridade a maioria dos participantes encontra-se no 8ºano (39.3%) e 7º ano (38.3%) estando os restantes no 9º ano (22.4%).

Tabela 1.
Descrição da relação dos alunos com o pai e com a mãe

	<i>Pai</i>		<i>Mãe</i>	
	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
<i>Muito má</i>	3	1.5		
<i>Má</i>	3	1.5	1	.5
<i>Razoável</i>	16	8.0	5	2.5
<i>Boa</i>	35	17.4	31	15.4
<i>Muito boa</i>	144	71.6	164	81.6
Total	201	100.0	201	100.0

No que diz respeito à relação dos participantes com as figuras parentais, 3 dos inquiridos responderam que tinham uma relação muito má com o pai (1.5%) e a grande maioria respondeu que tinham uma relação muito boa (71.6%). Quanto à relação com a

mãe, não se verificou nenhuma resposta dada ao tipo de relação “muito má”, porém a maioria respondeu que tinha uma relação muito boa (81.6%) (Tabela 1).

Tabela 2.

Frequência que os/as alunos/alunas utilizam a internet

	<i>N</i>	<i>%</i>
<i>Todos os dias</i>	153	76.1
<i>1 a 2 vezes por semana</i>	17	8.5
<i>3 a 4 vezes por semana</i>	29	14.4
<i>Pelo menos uma vez por mês</i>	2	1.0

No que diz respeito à frequência que os inquiridos utilizam a internet, podemos observar na tabela 2 a maior percentagem de utilização corresponde à opção “todos os dias” (76.1%) de 153 participantes, seguidamente a opção mais respondida foi a “3 a 4 vezes por semana” com uma percentagem de 14.4% de 29 inquiridos.

Tabela 3.

Aplicações que utilizam na internet

	<i>N</i>	<i>%</i>
<i>E-mail</i>	134	66.7
<i>Facebook</i>	182	90.5
<i>Instagram</i>	133	66.2
<i>MSN</i>	25	12.4
<i>Twitter</i>	92	45.8
<i>Skype</i>	133	66.2
<i>YouTube</i>	195	97.0
<i>WhatsApp</i>	60	29.9
<i>Ask.fm</i>	23	11.4

Quanto ao tipo de aplicações que os participantes mais utilizam, pode-se verificar na tabela 3 que o Youtube é aplicação com maior percentagem dos inquiridos 97.0% dos 195 alunos/as, posteriormente observa-se que as redes sociais também têm um grande impacto quanto à utilização, pois 90.5% dos participantes responderam que utilizam o Facebook e 66.2% utilizam a rede social Instagram. Por fim, mas igualmente com percentagens altas temos o e-mail com uma percentagem de 66.7% e de seguida o Skype com 66.2% dos inquiridos que utilizam estas aplicações.

Tabela 4.

Já foste ou conheces alguém que foi gozado/ameaçado

	<i>Sim</i>	
	<i>N</i>	<i>%</i>
<i>Já foste gozado/ameaçado</i>	16	8.0
<i>Conheces alguém que foi gozado/ameaçado</i>	70	34.8

Relativamente à questão “já foste gozado/ameaçado” 16 dos participantes (8.0%) responderam sim e 185 dos participantes responderam não (92.0%). Quanto à questão “conheces algum/a colega de turma ou da escola que já tenha sido gozado ou ameaçado pela internet, num total de 201 alunos, 70 alunos (34.8%) afirmaram conhecerem alguém (tabela 4).

4. Procedimentos

Numa fase inicial foi pedida a autorização ao Diretor da escola para a aplicação dos questionários aos alunos/as do 3º ciclo, entregando o consentimento informado onde foi esclarecida toda a investigação. Depois da autorização por parte do Diretor da escola, procedeu-se a ida às diversas turmas onde foi explicado o objetivo da investigação e posteriormente a distribuição dos consentimentos informados para os Encarregados/as de Educação assinarem a participação dos seus educandos neste estudo. Após a recolha dos consentimentos informados, procedeu-se à aplicação dos questionários. Antes dos/as alunos/as preencherem os questionários foram-lhes dadas todas as instruções necessárias

para a compreensão do preenchimento. A recolha dos dados foi realizada no mês de Maio do ano letivo 2014/2015, sendo os questionários respondidos durante a aula de cidadania. Após a recolha dos dados, estes foram inseridos, tratados e analisados pelo programa estatístico SPSS – Statistical Package for the Social Sciences (versão 20).

5. Instrumentos

Para obtenção dos dados, foi solicitado aos intervenientes da investigação que respondessem a uma ficha sociodemográfica e a três questionários, nomeadamente, o PARQ (Parental acceptance-rejection questionnaire) (Rohner, 2004); o “Loneliness and social dissatisfaction questionnaire” (Asher, Hymel and Renshaw’s, 1984) e o Questionário de Bullying e Cyberbullying (Boulton, Lloyd & Marx, 2012, adaptado por Machado & Machado, 2015).

a. Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico tem como finalidade recolher informações sobre os participantes como a idade; o sexo; o ano de escolaridade; se era repetente; a composição do agregado familiar, a relação com os progenitores e questões ligadas às novas tecnologias de informação (e.g., se tem computador, internet, frequência que utiliza a internet, que tipo de programas, se já foi gozado/ameaçado pela internet, etc.,).

b. Parental Acceptance-Rejection Questionnaire (PARQ) (Rohner, 2004)

O PARQ, questionário de Aceitação-Rejeição Parental (Rohner, 2004), tem como objetivo avaliar a percepção dos adolescentes relativamente à aceitação/rejeição que percebem da parte dos cuidadores, ou seja, perceber se os adolescentes se sentem aceitados/as ou rejeitados/as pelos pais. O PARQ é composto por 4 subescalas e uma escala global, sendo que 4 delas avaliam as percepções dos jovens relativamente aos progenitores, como o carinho/afeto correspondente a 8 itens que remete tanto para expressão verbal (elogios, louvor, verbalização de coisas agradáveis) como para expressão física (beijos, abraços, sorrisos); hostilidade/agressão correspondente a 6 itens dirigido para manifestações de sentimentos psicológicos internos da pessoa, como o ressentimento, má vontade e a raiva, e para manifestações intencionais de magoar outra pessoa, a si mesmo ou objetos, quer fisicamente ou verbalmente; a

indiferença/negligência correspondente a 6 itens que se atribui a ausência de preocupação e não atendimento das necessidades quer físicas, quer médicas, indisponibilidade física e psicológica e por fim a rejeição indiferenciada respetiva a 4 itens que diz respeito ao sentimento de se sentir ou não desejado, amado, ou rejeitado. O questionário é composto por 24 itens na totalidade, uma vez que foi usado a versão curta. Quanto à forma de cotação, é uma escala de Likert, que varia entre 1 e 4, sendo o 1-quase nunca é verdade, 2-raramente é verdade, 3-algumas vezes é verdade e 4- quase sempre é verdade. Relativamente à pontuação, quando esta é igual ou superior a 60 indica que a experiência de rejeição do pai/mãe é mais significativa do que a experiência de aceitação. No que diz respeito à fiabilidade do questionário, os valores de alpha para a componente: carinho-pai foi de .91, hostilidade-pai de .71, indiferença-pai de .76, rejeição indiferenciada-pai de .74 e a nível rejeição- global- pai de .82. Quanto à subescala carinho-pai esta revela uma consistência muito boa e a subescala rejeição-global-pai, esta revela uma consistência boa. Contudo as subescalas hostilidade-pai, indiferença-pai e rejeição indiferenciada-pai demonstram uma consistência razoável.

Quanto aos valores de alfa para a componente carinho-mãe foi de .88, hostilidade-mãe de .64, indiferença-mãe de .76, rejeição indiferenciada-mãe de .74 e a rejeição-global-mãe de .82. No que se refere as subescalas carinho-mãe e rejeição-global-mãe esta tem uma consistência boa. Contudo, as subescalas indiferença-mãe e rejeição indiferenciada-mãe apresentam uma consistência razoável, já a subescala hostilidade-mãe revela uma consistência fraca.

c. “Loneliness and social dissatisfaction questionnaire” (Asher, Hymel and Renshaw’s, 1984)

O questionário “Loneliness and social dissatisfaction questionnaire” tem como objetivo fulcral examinar a solidão na população mais nova, nomeadamente, crianças e/ou adolescentes. No entanto, tem dois objetivos primordiais, sendo que o primeiro corresponde à avaliação da solidão em crianças que se encontram no ensino pré-escolar e no primeiro ano do ensino básico, o segundo objetivo, pretende verificar se as crianças rejeitadas socialmente são capazes de dar uma informação mais sólida sobre a solidão na escola do que crianças com outro estatuto.

O “Loneliness and social dissatisfaction questionnaire” é composto por 21 itens, na qual as crianças/adolescentes respondiam sim, não ou talvez. As questões focavam-se

nos sentimentos da criança/adolescente sobre a solidão (e.g., sentes-te sozinho na escola?), sentimentos de adequação social versus inadaptação (e.g., és bom a realizar tarefas com outras crianças na escola?), estimativas subjetivas de estatutos entre colegas (e.g., tens muitos amigos na escola?) e conhecimento da importância das reações (e.g., na escola tens colegas com quem podes ir ter se precisares de ajuda?).

Quanto à fiabilidade do questionário, os valores de alpha foi de .72, para a solidão, para a insatisfação social de .84 e para a subescala LSD-Total e .87, revelando uma consistência interna boa.

d. Questionário de Bullying e Cyberbullying (Boulton, Lloyd & Marx, 2012)

O questionário de “Bullying e Cyberbullying” compara o bullying tradicional e o cyberbullying (uso das novas tecnologias).

A primeira questão avalia três subtipos de bullying particularmente importantes, o uso de redes sociais, enviar/receber mensagens de texto e enviar/receber mensagens de multimédia. Nesta questão será indicado numa escala de 1 a 6 com que frequência realizam as atividades mencionadas anteriormente num mês relativamente ao uso de internet e telemóvel.

A segunda questão refere-se às experiências de bullying das três formas mais comuns referentes ao bullying tradicional (físico, verbal, exclusão social) e do cyberbullying (redes sociais, sms, mms). Esta avalia o envolvimento dos participantes em cada uma das seis subescalas. Assim sendo, foram pontuadas numa escala de 1 a 5 relativamente à frequência que foram algo/praticaram, onde as pontuações mais altas representam maior envolvimento.

Este questionário avalia também as atitudes relativas ao comportamento bullying, aos agressores e às vítimas. As atitudes em relação ao Bullying engloba questões como: “Este comportamento é errado”; “Este comportamento nunca pode ser desculpado”; “Esse comportamento não é assim tao mau”;. As atitudes para com autores de Bullying engloba questões como: “As pessoas que praticam este comportamento são cruéis”; “As pessoas que praticam este comportamento devem ser punidas”; “. As atitudes para com as vítimas de bullying engloba questões como: “Sinto pena das pessoas que são vítimas desse comportamento”; “As vítimas deste tipo comportamento merecem ajuda e apoio”.

Para cada um dos diferentes tipos de bullying indicado será classificado como discordo totalmente, discordo, neutro/a, concordo e concordo totalmente.

Quanto à fiabilidade do questionário, os valores de alpha para o fator atitudes relativas ao bullying foi de .89, atitudes perante os perpetradores de .92 e atitudes relativas às vítimas de .86 revelando, assim, uma consistência interna boa nas subescalas de atitudes-bullying e atitudes-vítimas. Contudo, no que diz respeito à subescala de atitude-perpetradores esta revela uma consistência interna muito boa.

Capítulo III – Apresentação e Discussão de Resultados

Neste capítulo será dedicado primeiramente à apresentação e análise dos resultados obtidos, tendo por base as hipóteses estipuladas anteriormente, posteriormente passaremos à discussão dos mesmos.

1. Apresentação de resultados

Aqui será caracterizada a amostra em relação às variáveis em estudo apresentadas nesta investigação, seguido da apresentação e interpretação das relações existentes entre a percepção aceitação-rejeição por parte dos pais, a solidão e o cyberbullying, bem como as comparações entre os sexos dos alunos. Assim sendo, para a apresentação dos resultados obtidos foram utilizados testes paramétricos, nomeadamente o teste de correlação de Pearson para a análise das correlações e o T-Test para amostras independentes de forma a comparar e diferenciar os dois grupos existentes, isto porque a população em estudo seguia uma distribuição normal.

Para responder da melhor forma aos objetivos propostos, apresentamos os resultados que permitem realizar uma análise descritiva das variáveis em estudo.

Tabela 5.

Análise descritiva das variáveis em estudo

	<i>N</i>	<i>Mínimo</i>	<i>Máximo</i>	<i>Média</i>	<i>D. Padrão</i>
<i>Carinho Pai</i>	201	8.00	32.00	27.42	5.42
<i>Hostilidade Pai</i>	201	6.00	24.00	8.20	2.81
<i>Indiferença Pai</i>	201	6.00	23.00	9.78	3.50
<i>Rejeição indif. Pai</i>	201	4.00	16.00	5.20	2.05
<i>Rejeição global Pai</i>	201	24.00	84.00	35.76	11.84
<i>Carinho Mãe</i>	201	9.00	32.00	29.41	3.88
<i>Hostilidade Mãe</i>	201	6.00	21.00	8.17	2.52
<i>Indiferença Mãe</i>	201	5.96	19.00	8.57	3.01
<i>Rejeição indif. Mãe</i>	201	4.00	15.00	4.92	1.75
<i>Rejeição global Mãe</i>	201	24.00	80.00	32.25	9.33
<i>Solidão</i>	201	3.00	9.00	3.63	1.16
<i>Insatisfação social</i>	201	18.00	49.00	22.67	5.02
<i>LSD Total</i>	201	21.00	58.00	26.30	5.80
<i>Atitudes bullying</i>	201	24.00	78.00	41.53	12.89
<i>Atitudes perpetradores</i>	201	24.00	93.00	48.04	14.36
<i>Atitudes vítimas</i>	201	57.00	120.00	87.37	11.89

Tendo em conta que na escala global de aceitação-rejeição interpessoal o ponto médio é 60, sendo que valores mais elevados indicam maior rejeição percebida pelos adolescentes do que aceitação. Os resultados obtidos na tabela 5 evidenciam que os alunos percecionam aceitação pelos seus cuidadores, (M pai= 35.76 e M mãe= 32.25),

No que se refere à solidão a média é de 3.63, a nível da insatisfação social de 22.67 e o fator LSD Total de 26.30.

Quanto ao cyberbullying, pode constatar-se que os alunos, relativamente ao fator atitudes das vítimas (vítimas de bullying) a média é de (M= 87.37), as atitudes perpetradores (autores de bullying) de (M=48.04), por fim, as atitudes do comportamento bullying (M= 41.53).

Tabela 6.
Correlação entre a percepção de aceitação-rejeição parental e solidão

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.	13.
1. Carinho pai	-												
2. Hostilidade pai	-.54**	-											
3. Indiferença pai	-.73**	.57**	-										
4. Rejeição indiferenciada pai	-.63**	.72**	.64**	-									
5. Rejeição global pai	-.91**	.77**	.87**	.82**	-								
6. Carinho mãe	.44**	-.19**	-.26**	-.25**	-.37**	-							
7. Hostilidade mãe	-.25**	.50**	-.29**	.35**	.38**	-.55**	-						
8. Indiferença mãe	-.31**	.29**	.40**	.30**	.38**	-.67**	.58**	-					
9. Rejeição indiferenciada mãe	-.27**	.43**	.33**	.54**	.42**	-.53**	.63**	.55**	-				
10. Rejeição global mãe	-.40**	.39**	.38**	.40**	.46**	-.88**	.80**	.86**	.76**	-			
11. Solidão	-.23**	.13	.22**	.18**	.23**	-.26**	.30**	.20**	.24**	.30**	-		
12. Insatisfação social	-.34**	.21**	.30**	.28**	.35**	-.39**	.27**	.23**	.32**	.37**	.61**	-	
13. LSD Total	-.34**	.21**	.31**	.28**	.35**	-.39**	.30**	.30**	.24**	.32**	.38**	.73**	-

De modo a responder à primeira hipótese proposta nesta investigação, correlacionou-se a percepção de Aceitação-Rejeição Interpessoal pelos Pais e a solidão. Como se pode verificar na tabela 6, existe uma correlação positiva estatisticamente significativa entre a rejeição total pelo pai e pela mãe relativamente à solidão, à insatisfação social e à solidão total, isto é, quanto maior a percepção de rejeição por parte dos alunos relativamente aos progenitores maior será o sentimento de solidão- LSD-Total (solidão e insatisfação social).

No que diz respeito às variáveis solidão, à insatisfação social e à solidão total pode-se verificar que existe uma correlação negativa estatisticamente significativa quanto

ao carinho do pai, ou seja, quanto maior a percepção relativamente ao carinho menor serão os sentimentos de solidão. O mesmo se pode verificar relativamente à mãe.

Também pode observar-se que existe uma correlação positiva estatisticamente significativa entre as variáveis de hostilidade, indiferença e rejeição indiferenciada quanto à mãe, isto é, quanto maior a percepção destas variáveis maior serão os sentimentos de solidão. Por fim, o mesmo se pode verificar relativamente ao pai, exceto, a variável hostilidade que não existe relação com a solidão.

Tabela 7.
Correlação entre a percepção de aceitação-rejeição parental e a prática do cyberbullying

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.	13.
1. Carinho pai	-												
2. Hostilidade pai	-.54**	-											
3. Indiferença pai	-.73**	.57**	-										
4. Rejeição indiferenciada pai	-.63**	.72**	.64**	-									
5. Rejeição global pai	-.91**	.77**	.87**	.82**	-								
6. Carinho mãe	.44**	-.19**	-.26**	-.25**	-.37**	-							
7. Hostilidade mãe	-.25**	.50**	-.29**	.35**	.38**	-.55**	-						
8. Indiferença mãe	-.31**	.29**	.40**	.30**	.38**	-.67**	.58**	-					
9. Rejeição indiferenciada mãe	-.27**	.43**	.33**	.54**	.42**	-.53**	.63**	.55**	-				
10. Rejeição global mãe	-.40**	.39**	.38**	.40**	.46**	-.88**	.80**	.86**	.76**	-			
11. Bullying através das redes sociais	-.06	.12	.05	.20**	.10	-.03	.13	.06	.13	.09	-		
12. Bullying através de SMS	-.10	.23**	.20**	.18*	.19**	-.16*	.30**	.24**	.24**	.27**	.23**	-	
13. Bullying através de fotografias e vídeos	-.08	.26**	.23**	.21**	.21**	-.12	.33**	.19**	.21**	.24**	.24**	.88**	-

Para averiguar a veracidade da segunda hipótese correlacionou-se a percepção de Aceitação-Rejeição Interpessoal pelos Pais e a prática do cyberbullying. Observando a tabela 7 é possível constatar que existe uma correlação positiva estatisticamente significativa entre a rejeição indiferenciada pai e a prática de bullying através das redes sociais, isto é, quanto maior a percepção de rejeição indiferenciada pelo pai maior será a

prática de bullying através das redes sociais para com os outros. Quanto às restantes variáveis verifica-se que não existem correlações.

Relativamente à variável bullying através de sms de texto e a percepção de rejeição por parte dos progenitores, é possível verificar que existe correlação positiva estatisticamente significativa, isto quer dizer, que quanto maior a percepção de rejeição tanto por parte do pai como da mãe maior será a prática de bullying através das mensagens de texto. Contudo, é de salientar que existe uma correlação negativa estatisticamente significativa entre o carinho da mãe e esta prática de bullying, ou seja, quanto maior o carinho da mãe percecionado pelo/a adolescente, menor vai ser a prática de bullying através de SMS. Importa referir que em relação ao carinho do pai e esta prática de bullying não se verifica nenhuma correlação.

No que diz respeito à variável bullying através de fotografias e vídeos e a percepção de rejeição, observa-se que existe correlação positiva estatisticamente significativa, o que significa que quanto maior a percepção de rejeição maior será a prática de bullying através de fotografias e vídeos. No entanto, não se verifica nenhuma relação relativamente aos fatores carinho pai e carinho mãe relativamente a esta prática de bullying.

Tabela 8.

Correlação entre o tempo despendido por semana na internet e a prática do cyberbullying

	1.	2.	3.	4.
1. <i>Frequência utilizas internet</i>	-			
2. <i>Bullying através das redes sociais</i>	-.07	-		
3. <i>Bullying através de SMS</i>	.05	.23**	-	
4. <i>Bullying através de fotografias e vídeos</i>	.06	.24**	.88**	-

Para verificar a terceira hipótese proposta neste estudo, se existe relação entre o tempo despendido (em horas) por semana na internet e a prática do cyberbullying, pode-se observar na tabela 8, que não existe correlação entre a variável “frequência na internet”

e a prática do cyberbullying. Porém, pode-se verificar que existe uma relação entre as variáveis bullying através das redes sociais e bullying através de sms de texto. Quer isto dizer que quanto maior o bullying praticado pelas redes sociais, maior será o bullying praticado por sms de texto. Também pode-se observar a mesma situação em relação ao bullying através das redes sociais e bullying através de fotografias e vídeos. Por fim, verifica-se uma relação positiva entre a variável bullying através de sms de texto e bullying através de fotografias e vídeos.

No entanto, como podemos verificar na tabela 2, dos 201 alunos que constituem a amostra, 153 alunos responderam que utilizavam a internet todos os dias com uma percentagem de 76.1%. Relativamente à tabela 4 sobre se os alunos já foram ameaçados/gozados pela internet ou se conhecem alguém que já o tenha sido, 70 alunos afirmaram conhecerem alguém (34.8%).

Tabela 9.

Diferenças entre o sexo do aluno/a e as atitudes do cyberbullying

	N	M	DP	T
<i>Atitudes bullying</i>				
<i>Feminino</i>	112	40.43	12.24	-1.36
<i>Masculino</i>	89	42.92	13.60	
<i>Atitudes bullies</i>				
<i>Feminino</i>	112	46.90	13.57	-1.27
<i>Masculino</i>	89	49.49	15.25	
<i>Atitudes vitimas</i>				
<i>Feminino</i>	112	89.88	11.52	3.44
<i>Masculino</i>	89	84.22	11.66	

Ao constatar os resultados obtidos na tabela 9, pode-se verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas entre o sexo feminino e o sexo masculino. Na comparação entre o sexo do aluno e as atitudes relativas ao bullying, bullies e vítimas

verifica-se que as raparigas expressaram uma maior média ao aceitar menos as atitudes relativas ao comportamento do bullying e dos agressores nomeadamente para com todos os seis subtipos de comportamento bullying (físico, gozar/troçar, excluir, redes sociais, SMS de texto e fotografias e vídeos). Isto significa que as raparigas concordam que “este tipo de comportamento é errado e que as pessoas que o praticam são cruéis”. Quanto às atitudes em relação às vítimas de bullying, o sexo feminino expressou uma maior média em compreender melhor as vítimas que os rapazes, isto quer dizer que, as raparigas veem as vítimas como alguém que merecem apoio e ajuda e que estas pessoas deveriam saber defender-se destes seis subtipos de comportamento.

2. Discussão de resultados

Neste ponto iremos discutir os resultados obtidos, fundamentando devidamente com revisão teórica. O objetivo geral desta investigação focou-se em perceber a relação existente entre a percepção de aceitação-rejeição interpessoal, a solidão e o cyberbullying.

Em resposta ao problema 1 «Será que a rejeição parental percebida pelo adolescente está relacionada com a solidão?», verificou-se, através dos testes de correlação de Pearson, que existe uma relação positiva estatisticamente significativa entre a percepção de rejeição pelos pais e a solidão, aceitando assim a nossa H1. Posto isto, quanto maior a percepção de rejeição pelos pais maior será o sentimento de solidão (solidão e insatisfação social). Estes resultados vão de encontro à literatura, uma vez que a figura parental tem uma forte influência no comportamento da criança, na forma como as crianças veem o mundo e na construção das suas relações interpessoais, ou seja, os pais exercem um papel fulcral na construção da criança e da sua personalidade (Dessen & Polonia, 2007). Os sentimentos e emoções percebidos como negativos, tal como rejeição, raiva, frustração poderão ser nefastos e comprometer o desenvolvimento da criança (Bronfenbrenner, 1986). Diversos estudos demonstraram que a rejeição parental e a falta de cuidados da figura parental relacionam-se com a interiorização e exteriorização de problemas (Caron, Weiss, Harris & Catron, 2006; Chen, Liu & Li, 2000), bem como o baixo rendimento escolar e as fracas competências ao nível social (Chen, Liu & Li, 2000). Desta forma, os estilos de vinculação exercem uma influência direta no sentimento solidão, isto porque, uma vinculação insegura leva a que os jovens tenham relações

interpessoais insatisfatórias e ao isolamento social que, por sua vez, este leva à solidão (Bastos & Costa, 2005).

Os resultados obtidos, para a responder ao problema 2 «Será que a rejeição parental percebida pelo adolescente está relacionada com a prática do cyberbullying?», verificou-se, através dos testes de correlação de Pearson, que existe uma relação positiva estatisticamente significativa entre a percepção de rejeição por parte dos progenitores e a prática do cyberbullying, aceitando assim a H2. Consta-se que quanto maior a percepção de rejeição por parte das figuras parentais maior tendência existe para praticarem o cyberbullying contra as/os outras/as pessoas. Uma vez que o fenómeno cyberbullying ainda é recente, e, apesar de não haver estudos que relacionem a percepção de aceitação-rejeição pelos progenitores e o cyberbullying, mas, analisando estas duas variáveis denota-se que existe uma relação entre ambas como foi comprovado anteriormente. Assim sendo, os resultados desta presente investigação vão de encontro à literatura. Segundo Rohner e colaboradores (2012) referem que a percepção de rejeição é um importante preditor dos problemas de comportamento externalizadores, ou seja, esta percepção de rejeição pode levar a comportamentos de bullying. Em Portugal, Almeida (2012) realizou um estudo que relacionou a percepção de aceitação-rejeição parental e as condutas antissociais e delinquentes, (onde se pode incluir o cyberbullying), demonstrando que havia uma relação negativa significativa entre estas duas variáveis, quanto menor a percepção de carinho parental, maior a tendência dos adolescentes apresentar condutas antissociais e delinquentes. Porém, apesar de figuras parentais demonstrarem baixo envolvimento parental, agressão física, bem como, punição sobre a criança, nem todas as crianças desenvolvem comportamentos disruptivos (Stormshak et al., 2000).

No que se refere ao problema 3, «Será que existe uma relação entre os adolescentes que despendem mais tempo por semana na internet têm uma maior tendência para a prática do cyberbullying?», os resultados demonstraram que não existe correlação entre as duas variáveis, rejeitando assim a H3. No entanto, estes resultados também não vão ao encontro da literatura. O cyberbullying é um fenómeno que emergiu com as novas tecnologias, principalmente com a difusão da internet. Com o aparecimento da internet e o alargamento da rede, as redes sociais tornaram-se parte do nosso modo de vida, pois é através desse meio que podemos comunicar, interagir, socializar com as pessoas de diferentes países (Pinheiro, Neves & Martins, 2012). Este fenómeno é especialmente frequente entre crianças e adolescentes, isto porque, as crianças em idades precoces são

usuários ávidos e familiarizados com as novas tecnologias e com a internet (Palfrey & Gasser, 2011). O tempo que os jovens passam em frente ao computador constitui um fator de risco (Campos, 2009). Pois quanto maior for a duração da agressão, e, maior o número dos indivíduos que a testemunham, mais se alonga a discrepância do poder entre o agressor e a vítima (Shariff & Gouin, 2006). Estudos recentes têm demonstrado que o uso intensivo da internet está relacionado com diversos problemas mentais e de conduta, levando a graves perturbações no seio familiar e na interação social da criança e/ou adolescente (Demetrovics et al., 2008). A investigação Campos (2009) concluiu que são as raparigas que despendem mais tempo com o telemóvel e são os rapazes que despendem mais tempo com a Internet. O trabalho de Cruz (2011) concluiu que 5.9% dos jovens admitiram ter agredido um par no cyberespeço, 27.3% confessaram terem sido alvo de agressão e 20.5% revelaram ter testemunhado tais comportamentos. Dos 205 alunos questionados, todos eles utilizam diariamente a internet. As redes sociais e os chats são dois elementos cruciais para esta interação, o que vai de encontro à presente investigação de dissertação. A investigação realizada por Ventura (2011) conclui que a questão “alguma vez te ofenderam através da internet ou do telemóvel?”, cerca de 83.8% das vítimas de cyberbullying responderam que sim, e à questão “alguma vez te pediram que enviasses fotos tuas ou de partes do teu corpo?”, 69% dos inquiridos responderam positivamente. Por fim, este estudo demonstrou que um quinto da população estudantil do terceiro ciclo do ensino básico (19.5%) foram vítimas de cyberbullying.

Por último, no que concerne ao problema 4, «Será que existem diferenças estatisticamente significativas entre o sexo Feminino e o sexo Masculino relativas às atitudes de bullying, bullies e vítimas?», através dos resultados foi possível observar que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os sexos e as atitudes relativas ao bullying, bullies e vítimas, rejeitando assim a H4. No entanto, verificou-se que as raparigas expressam aceitar menos as atitudes relativas ao comportamento do bullying e dos agressores que os rapazes, e, expressaram aceitar mais as atitudes relativas à vítima. Isto leva-nos a querer que os rapazes são quem mais têm problemas de comportamento (e.g., cyberbullying). De acordo com a literatura de El-Shenawy e Shehata (2014) a implicação de problemas de comportamento é diferente entre o sexo masculino e o sexo feminino, uma vez que estudos demostram que quando rapazes comparados com raparigas, eles demostram uma maior taxa de problemas comportamentais.

Conclusão

Com a realização deste estudo pretendeu-se saber até que ponto o facto de uma criança/adolescente ao ser rejeitada/o por parte dos pais irá influenciar o seu desenvolvimento inter e intrapessoal. Assim sendo, pretendeu-se aprofundar o tema da percepção de aceitação-rejeição pelos pais e se a percepção de rejeição está relacionada com a solidão e o cyberbullying nos adolescentes.

Através dos resultados obtidos da presente investigação foi possível concluir que a percepção de rejeição pelo/a pai/mãe está relacionada com a presença do sentimento da solidão e da prática do cyberbullying dos/as alunos/as, o que leva a querer que o carinho percebido pelas figuras parentais constitui um fator importante para o desenvolvimento inter e intrapessoal destes jovens e adolescentes, bem como a importância para a prevenção do aparecimento destes mesmos comportamentos.

Apesar de nesta investigação não se ter comprovado que o tempo despendido na internet pode levar à prática do cyberbullying, observou-se que 76.1% dos alunos/as estão todos os dias online, e que, as aplicações que mais utilizam na internet são o YouTube com uma percentagem de 97%, seguido das redes sociais, Facebook 90.5%; Instagram 66.2% e Skype com 66.2%, fatores estes importantes para a prática do cyberbullying e para aqueles que dele são vítimas.

Uma vez que as primeiras publicações sobre o cyberbullying iniciaram há mais ou menos meia década atrás, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa, o que faz com que este fenómeno seja considerado como um facto ainda recente (Wendt, Campos & Lisboa, 2010), esta investigação apesar do seu carácter inovador apresenta algumas limitações relativamente à amostra, pois apesar de esta ser constituída por um número razoável de participantes (201 alunos/as) não apresenta homogeneidade entre o número de rapazes e de raparigas, nem entre os anos de escolaridade, sendo que os questionários foram aplicados a 5 turmas do 7º ano, 5 turmas do 8º ano e 2 turmas do 9º ano de escolaridade.

Contudo, com esta investigação espera-se ter contribuído para compreender e perceber melhor a importância do carinho da figura parental na relação com os seus filhos, e que incentive futuros investigadores a trabalhar nesta área de percepção de aceitação-rejeição interpessoal e o cyberbullying, uma vez que não é possível encontrar estudos que relacionem ambas as variáveis.

Para futuras investigações sugere-se fazer uma comparação entre a rejeição percecionada pelo pai e a rejeição percecionada pela mãe e os comportamentos disruptivos (cyberbullying), verificando-se se existem diferenças entre a rejeição do pai e da mãe e esses comportamentos. Uma outra sugestão de investigação seria sobre as redes sociais e as figuras públicas, pois nota-se cada vez mais que as figuras públicas são muitas das vezes alvo de profundas críticas e humilhações nas redes sociais.

O telemóvel também adquiriu novas tecnologias. Hoje em dia, ele não serve só para fazer/receber chamadas, enviar/receber mensagens, é também possível tirar fotos, receber imagens/fotos, ouvir musica, gravar vídeos, e também aceder à internet. Assim sendo, o telemóvel transformou-se num poderoso meio de comunicação indispensável ao dia-a-dia de muitas pessoas. Para muitas crianças e jovens estar online é sinonimo de integração social.

Estudos têm demonstrado que com a utilização das TIC tem vindo a estar em foco nas investigações mundiais, na medida em que quanto mais tempo despendem online, maior é a probabilidade de serem vitimizados ou vitimizarem. Assim sendo, seria pertinente averiguar se os participantes conhecem e utilizam estratégias de segurança online e o envolvimento das figuras parentais relativamente às TIC'S. Penso que em investigações futuras é importante correlacionar o cyberbullying com o bem-estar emocional e social dos indivíduos.

Espera-se que o presente trabalho tenha contribuído para enriquecer a ciência em Portugal. Espera-se também que esta investigação seja uma plataforma útil no desenvolvimento e conceção de futuros projetos de intervenção e prevenção.

Referências Bibliográficas

- Agatston, P. W., Kowalski, R., & Limber, S. (2007). Students' perspectives on Cyber Bullying. *Journal of Adolescent Health, 41*(6), S59-S60. DOI: 10.1016/j.jadohealth.2007.09.003.
- Allen, J. P., & Hauser, S. T. (1996). Autonomy and relatedness in adolescent-family interactions as predictors of young adults' states of mind regarding attachment. *Development and Psychopathology, 8*, 793-809.
- Almaça, I.C.P. (2009). *A constelação fraternal: auto-estima, padrão de vinculação e percepção das práticas parentais no adolescente*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Almeida, A., Delicado, A., & Alves, N. (2008). *Crianças e Internet: Usos e Representações, a Família e a Escola*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Amado, J., Matos, A., Pessoa, T., & Jager, T. (2009). Cyberbullying: um desafio à investigação e à formação. *Interações, (13)*, 301-326.
- Bastos, M. T., Figueira, F. O. & Costa, M. E. (2001, 2002). Avaliação da Solidão nos Jovens Universitários Portugueses. *Cadernos de Consulta Psicológica, 17*(18), 69-81 Retrieved from <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/15610/2/84573.pdf>
- Bastos, M. T. & Costa, M. E. (2005). A influência da vinculação nos sentimentos de solidão nos jovens universitários: implicações para a intervenção psicológica. *Psicologia, 2*(18). Lisboa: Edições Colibri.
- Beane, A. (2011). *Proteja o seu filho do Bullying*. Porto: Porto Editora.

- Boulton, M., Lloyd, J., Down, J., & Marx, H. (2012). Predicting undergraduates' self-reported engagement in traditional and cyberbullying from attitudes. *Cyberpsychol Behav Soc Netw.*, 3(15), 141-7. doi: 10.1089/cyber.2011.0369
- Bronfenbrenner, U. & Ceci, S. J. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model. *Psychological Review*, 101(4), 568-586. doi:10.1037/0033-295X.101.4.568
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of Child Psychology* (Vol. 1, pp. 993-1027). New York: John Wiley & Sons.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723-742. Retrieved from <http://www.unc.edu/~rmistry/Articles/Bron.pdf>.
- Campos, M. (2009). O cyberbullying: natureza e ocorrência em contexto português. Dissertação de Mestrado. ISCTE – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa Lisboa.
- Caron, A., Weiss, B., Harris, V., & Catron, T. (2006). Parenting behavior dimensions and child psychopathology: specificity, task dependency, and interactive relations. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 35, 34-45. doi:10.1207/s15374424jccp3501_4.
- Carrascal, G.C. & Caro-Castillo, C.V. (2009). Soledad en la adolescencia: análisis del concepto. *Aquichan*, 9(3), 281-296.

- Chen, X., Liu, M., & Li, D. (2000). Parental warmth, control, and indulgence and their relations to adjustment in Chinese children: a longitudinal study. *Journal of Family Psychology, 14*, 401-419. doi:10.1037/0893-3200.14.3.401.
- Cruz, A. (2011). O cyberbullying no contexto português. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa: Lisboa.
- Demetrovics, Z., Szeredi, B., & Rózsa, R. (2008). The three-factor model of Internet addiction: The development of the Problematic Internet Use Questionnaire. *Behavior Research Methods, 40*(2), 563-574. DOI: 10.3758/BRM.40.2.563.
- Dessen, M. A., & Polonia, A. C. (2007). A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia, 17*(36), 21-32. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>.
- Fleming, M. (2005). *Entre o medo e o desejo de crescer - Psicologia da adolescência*. Porto: Edições Afrontamento.
- El-Shenawy, O. E. & Shehata, A. M. (2014). Applying problem behavior theory in a developing arabic country: Egypt. *SAGE Open, 4*, 1-12. doi: 10.1177/2158244014521819
- Fleming, M. (2005). *Entre o medo e o desejo de crescer - Psicologia da adolescência*. Porto: Edições Afrontamento.
- Formiga, N. S. & Gouveia, V. (2003). Adaptação e Validação da Escala de Condutas Antissociais e Delitivas ao contexto Brasileiro. *Psico, 34*(2), 367-388.
- Garaigordobil, M. (2011). Prevalencia y consecuencias del Cyberbullying: una revisión. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy, 11*(2), 233-254.
- Heinrich, L.M., & Gullone, E. (2006). The clinical significance of loneliness: a literature review. *Clinical Psychology Review, 26*(6), 695-718.

- Hinduja, S. & Patchin, J. W. (2010a). Cyberbullying research summary: Cyberbullying and Self-Esteem. Cyberbullying Research Center. *Journal of School Health*, 80(12), 614-621.
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2010b). Bullying, Cyberbullying, and Suicide. *Archives and Suicide Research*, 14(3), 206-221. Doi: 10.1080/13811118.2010.494133.
- Lines, E. (2007). Cyber-bullying: Our Kids' New Reality. A Kids Help Phone Research Study of Kids Online. Toronto, Canada: Kids Help Phone.
- Neves, J., P. & Pinheiro. L. (2009). A emergência do cyberbullying. Uma primeira aproximação. 6º SOPCOM. Retrieved from http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/279/254
- Novo, C. (2009). Bullying e as tecnologias da comunicação: do uso ao abuso. *Revista Interações*, 13, 327-337.
- Palfrey, J., & Gasser, U. (2011). Nascidos na Era Digital: Entendendo a primeira geração de Nativos Digitais. Porto Alegre, RS: ArtMed.
- Perlman, D., & Peplau, L.A. (1984). Loneliness research: a survey of empirical findings. In L.A. Peplau & S. Goldston (Eds.), *Preventing the harmful consequences of severe and persistent loneliness*. (pp. 13-46). U.S Government Printing Office, DDH Publications.
- Pinheiro, L. (2009). Cyberbullying em Portugal: uma perspectiva sociológica. Tese de Mestrado, Universidade do Minho, Braga. Retrieved from <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9870/1/tese.pdf>.
- Pinheiro, L., Neves, J., & Martins, M. (2012). Ter como Palco de Fundo as Redes Sociais. Desafios Metodológicos: Como o Observado Muda o Observador. Sobre Comunicação e Cultura: I Jornadas de Doutorandos em Ciências da Comunicação

e Estudos Culturais. Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

Pires, A. M. S (2010). Aceitação- Rejeição Parental Percepcionada e Ajustamento Psicológico e Académico da Criança. (Tese de Mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Lisboa. Retrieved From <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15595/1/Aceita%C3%A7%C3%A3o-Rejei%C3%A7%C3%A3o%20Parental%20Percepcionada.pdf>

Portugal, G. (1992). *Ecologia e Desenvolvimento Humano em Bronfenbrenner*. Aveiro: Centro de Investigação, Difusão e Intervenção Educacional.

Price, M., & Dalgleish, J. (2010). Cyberbullying: experiences, impacts and coping strategies as described by Australian young people. *Youth Studies Australia*, 29(2).

Qualter, P., Brown, S.L., Munn, P., & Rotenberg, K. J. (2010). Childhood loneliness as a predictor of adolescent depressive symptoms: an 8-year longitudinal study. *European Child & Adolescence Psychiatry*, 19, 493-501. doi: 10.1007/s00787-009-0059-y.

Roekel, E.V., Scholte, R.H.J., Verhagen, M., Goossens, L., & Engels, R.C.M.E. (2010). Loneliness in adolescence: gene x environment interactions involving the serotonin transporter gene. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 51(7), 747-754. doi: 10.1111/j.1469-7610.2010.02225.x.

Rohner, R. P. (1986). *The Warmth Dimension: Foundations of Parental Acceptance-Rejection Theory*. Connecticut: Rohner Research.

Rohner, R. P. (2004). The parental "acceptance-rejection syndrome": Universal correlates of perceived rejection. *American Psychologist*, 59(8), 830-840. doi:10.1037/0003-066X.59.8.830

Rohner, R.P., Khaleque, A. & Cournoyer, D.E. (2005). Parental Acceptance- Rejection Theory, Methods, Evidence, and Implications. In R.P. Rohner & A. Khaleque

(Eds.). Handbook for for the Study of Parental Acceptance and Rejection. (4ªed).
(pp. 1-35). Storrs, CT: Rohner Research Publications.

Ronher, R., Khaleque, A. & Cournoyer. (2012). Introduction to parental, acceptance-rejection theory, methods, evidence, and implications. *University of Cunnecticut*, 1-31. Retrieved from <http://csiar.uconn.edu/wp-content/uploads/sites/494/2014/02/INTRODUCTION-TO-PARENTAL-ACCEPTANCE-3-27-12.pdf>.

Seixas, S. R. (2006). Comportamentos de bullying entre pares: bem estar e ajustamento escolar. Tese de Doutoramento em Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Shariff, S., & Gouin, R. (2006). Cyber-dilemmas: Gendered Hierarchies, Free Expression and Cyber-Safety in Schools. *Atlantis*, 31(1).

Shariff, S., & Hoff, D. (2007). Cyber bullying: Clarifying Legal Boundaries for School Supervision in Cyberspace. *International Journal of Cyber Criminology*, 1(1), 76-118.

Smith, P. K., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russell, S., & Tippett, N. (2008). Cyberbullying: Its nature and impact in secondary school pupils. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49, 376-385.

Stormshak, E. A., Bierman, K. L., McMahon, R. J., & Lengua, L. J. (2000), Parenting practices and child disruptive behavior problems in early elementary school. *J Clin Child Psychol*, 29(1), 17-29. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2764296/pdf/nihms-148606.pdf>

Stormshak, E. A., Bierman, K. L., McMahon, R. J., & Lengua, L. J. (2000), Parenting practices and child disruptive behavior problems in early elementary school. *J Clin Child Psychol*, 29(1), 17-29. Retrieved from

<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2764296/pdf/nihms-148606.pdf>

- Uruk, A.C., & Demir, A. (2003). The role of peers and families in predicting the loneliness level of adolescents. *The Journal of Psychology*, 137(2), 179-193.
- Ventura, P. (2011). Incidência e Impacto do Cyberbullying nos alunos do Terceiro Ciclo do Ensino Básico Público Português. Tese de Doutoramento, Faculdade de Ciências da Educação. Departamento de Didáctica e Organização Escolar. Universidade de Granada: Granada.
- Wendt, G. w., Campos, D. M., & Lisboa, C. (2010). Agressão entre pares e vitimização no contexto escolar: Bullying, cyberbullying e os desafios para a educação contemporânea. *Cadernos de Psicopedagogia*, 8, 41-52.
- Williams, K., & Guerra, N. (2007). Prevalence and predictors of Internet Bullying. *Journal of Adolescent Health*, 41(6), S14-S21. Retrieved from <http://pt.slideshare.net/WCT-Law/fp-58-prevalence-and-predictors-of-internet-bullying>
- Wolak, J. D., Janis, M., Kimberly, J., & Finkelhor, D. (2007). Does Online Harassment Constitute Bullying? Na Exploration of Onile Harassment by Known Peers and Online-Only Contacts. *Journal OF Adolescent Health*, 41, 51-58

ANEXOS

Anexo I - Ficha Sociodemográfica

Questionário Sociodemográfico

Os dados que a seguir se pedem são confidenciais. Responde o mais verdadeiramente possível.

Data Aplicação: ____/____/____

(dia) (mês) (ano)

Dados pessoais:

Idade: ____ Sexo: Fem ☐ Masc ☐

Ano de escolaridade: 7º ☐ 8º ☐ 9º ☐

Nacionalidade: ☐ Portuguesa ☐ Outra. _____

Já reprovaste-te: Sim ☐ Não ☐ Se sim, quantas vezes? ____ vezes

Há quanto anos estás nesta escola? ____ anos

Composição agregado familiar (lista das pessoas que vivem na tua casa):

Parentesco*	Idade	Género Fem/Masc	Estado Civil	Profissão	Habilitações Literárias

*pai, mãe, irmã(o), avó(ô), tia(o), etc...

Classifica a tua relação com os teus pais:

Grau de Parentesco	Muito má	Má	Razoável	Boa	Muito boa

Pai					
Mãe					

Tens computador:

☐ Sim ☐ Não

- Com ligação à internet ☐ Sim ☐ Não

Quando estas em casa, onde costumavas utilizar o computador:

☐ No meu quarto ☐ No quarto do meu irmão/irmã

☐ Na sala de estar ☐ No escritório/ sala de trabalho

Com que idade começas-te a utilizar a internet? _____ anos

Com que frequência utilizas a internet:

☐ Todos os dias ☐ 3 a 4 vezes por semana

☐ 1 a 2 vezes por semana ☐ Pelo menos uma vez por mês

Durante a semana, quanto tempo utilizas o computador fora da escola:

☐ Não utilizo ☐ 30 minutos ou menos

☐ 1 Hora ☐ Entre 1 hora a 2 horas

☐ Entre 2 horas a 3 horas ☐ Entre 3 horas a 4 horas

☐ Entre 4 horas a 5 horas ☐ 5 horas ou mais

☐ Não sei

Costumas utilizar o computador/internet para (podes assinalar uma ou mais opções com um x)

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Trabalhos da escola | <input type="checkbox"/> Jogar |
| <input type="checkbox"/> Enviar/receber e-mails | <input type="checkbox"/> Fazer downloads de músicas |
| <input type="checkbox"/> Ver vídeos | <input type="checkbox"/> Criar blogs/redes sociais |

Que tipo de tecnologias utilizas:

- | | | |
|------------------------------------|----------------------------------|-----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> E-mail | <input type="checkbox"/> MSN | <input type="checkbox"/> Youtube |
| <input type="checkbox"/> Facebook | <input type="checkbox"/> Twitter | <input type="checkbox"/> WhatsApp |
| <input type="checkbox"/> Instagram | <input type="checkbox"/> Skype | <input type="checkbox"/> Ashk |
| <input type="checkbox"/> Tumbler | | |

Outros _____

Relativamente ao teu grupo de amigos, quantos utilizam as redes sociais:

- | | |
|---------------------------------|---------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Nenhum | <input type="checkbox"/> Poucos |
| <input type="checkbox"/> Alguns | <input type="checkbox"/> Muitos |

Nas redes sociais costumavas adicionar:

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Familiares | <input type="checkbox"/> Amigos |
| <input type="checkbox"/> Amigos dos amigos | <input type="checkbox"/> Com outras pessoas |

Conheces algum colega de turma ou da escola que já tenha sido gozado ou ameaçado pela internet?

- ☐ Sim ☐ Não

O que fizeste perante essa situação?

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Tentei impedir | <input type="checkbox"/> Limitei-me a assistir |
|---|--|

- ☐ Entrei no jogo e também gozei ☐ Não liguei
- ☐ Nada

Contas-te a alguém?

- ☐ Sim ☐ Não
- A quem? ☐ Um colega
☐ Aos meus pais
☐ Professor
☐ Outro. Quem? _____